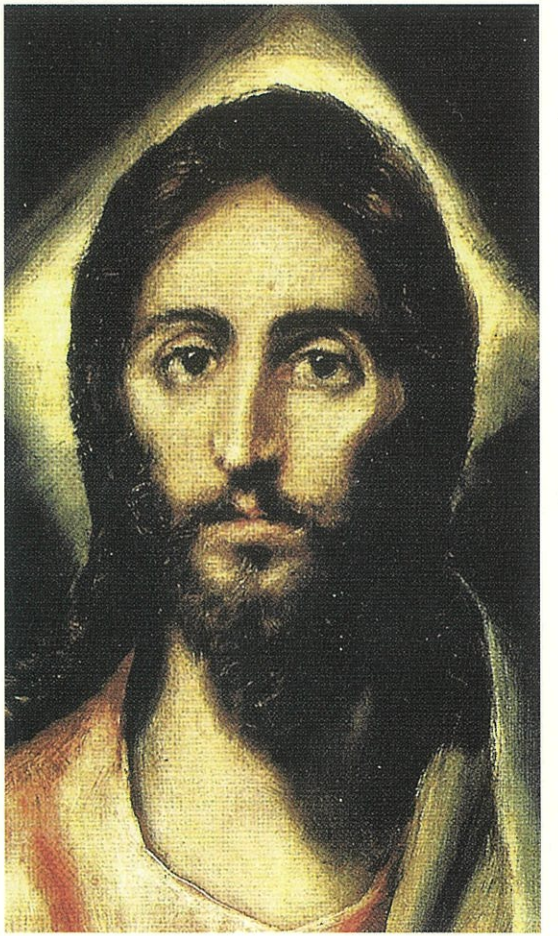
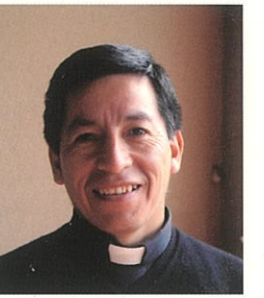
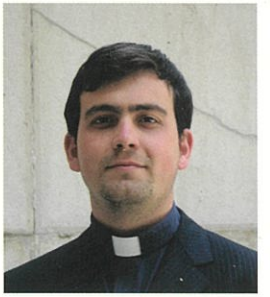
REVISTA DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS, IV, N.º 36, JUNHO 2008



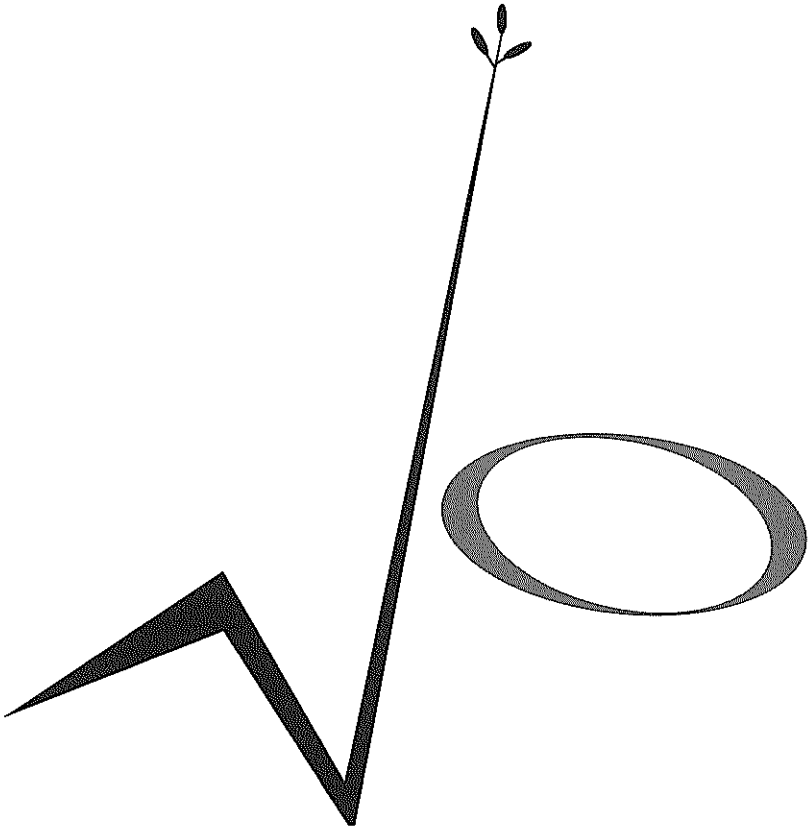






DA VOCAÇÃO À ELEIÇÃO

NOVELLAE OLIVARUM



NOVELLAE OLIVARUM

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO
Cón. João Marcos (Director)
Diác. Marcelo Boita (sub-director)
Diác. António Estêvão
Carlos Pinto
Diogo Correia
Miguel Pereira
Nuno Fernandes
Rui Fernandes
Samuel Costa

CARICATURAS
Ronald Vieira

NOVELLAE OLIVARUM
Revista do Seminário dos Clivais
Propriedade da Associação Monsenhor Pereira dos Reis

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Seminário dos Olivais
1885-076 Moscavide
Tel. 219457370 - Fax. 219457379
Email: secretaria@seminariodosclivais.org

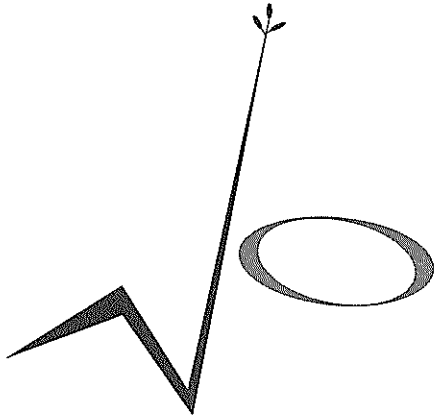
DEPÓSITO LEGAL: Nº 2912/83

IMPRESSÃO
Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

TIRAGEM
750 exemplares

PREÇO
€ 5

Capa: El Greco, O Salvador
Fotografias Cón. João Marcos



SUMÁRIO

EDITORIAL 5
Cónego João Marcos

A PALAVRA DE DEUS NA FORMAÇÃO SACERDOTAL 7
Cónego Nuno Brás da Silva Martins

O SEMINÁRIO VISTO PELOS ALUNOS 23

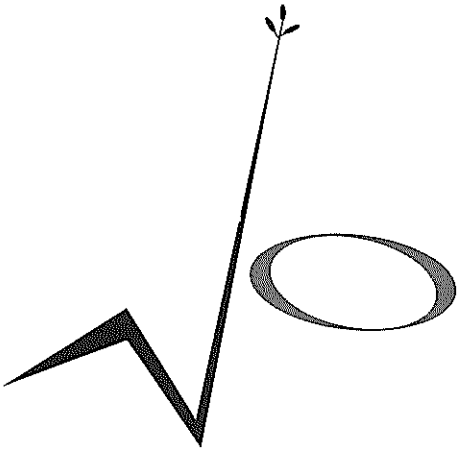
RETRATO DOS ORDINANDOS 43

O SEMINÁRIO REDEMPTORIS MATER 103
Padre Fernando André

POR CAMINHOS NÃO ANDADOS 107

CRÓNICA 113
Diogo Correia

CATEQUESES SOBRE SÃO PEDRO 125
Suplemento digital



EDITORIAL

DA VOCAÇÃO À ELEIÇÃO

Cónego João Marcos

"Com o auxílio de Deus e de Jesus Cristo nosso Salvador escolhemos estes nossos irmãos para a ordem dos presbíteros". É com estas palavras que o bispo, na liturgia da ordenação, manifesta a eleição que a Igreja faz dos candidatos ao presbiterado. São eleitos para este ministério aqueles em quem a Igreja vê os sinais da eleição de Deus

Entre nós, quando se trata de padres, fala-se mais de vocação que de eleição. É natural que se fale de vocação porque, no dizer da carta aos Hebreus

"ninguém se atribua esta honra (do sacerdócio) senão o que foi vocacionado por Deus como Aarão". (Heb 5,4). Mas devemos também falar de eleição para darmos a Deus tudo o que é de Deus. É Deus quem chama, é Deus também quem faz a eleição. Chama e elege pela mediação da Igreja. É no seio da Igreja, nas famílias, nas paróquias e sobretudo no Seminário que se realiza o discernimento e o amadurecimento vocacional que tornam possível a eleição. Deus chama aqueles que desde sempre elegeu. Chamando, revela essa eleição primordial e inicia com o vocacionado um diálogo que pode conduzir a esta eleição firmada e celebrada no Sacramento da Ordem.

Da vocação à eleição há todo um percurso de crescimento espiritual que faz surgir nos candidatos a admiração, a humildade, a alegria, a disponibilidade e o zelo, sinais característicos de quem se sente amado pelo Senhor com um amor de predilecção. Conhecendo-se a si mesmos no conhecimento de Cristo, é apoiados no amor, na fidelidade e no poder do Senhor que chama e elege livremente aqueles que quer, independentemente das suas obras e méritos, (Cfr. Rm 9,11-12) que estes nossos irmãos se dispõem a assumir uma missão tão sublime que ultrapassa infinitamente as suas forças e capacidades humanas.

Li há tempos no boletim de uma paróquia (ou talvez numa gazeta regional) uma carta muito emocionada e grandiloquente a um neo-presbítero dando-lhe os parabéns porque soube escolher a vida mais bela, mais altruísta, mais abnegada, mais fecunda e mais proveitosa para a Igreja e para o mundo; "dou-te os parabéns porque tiveste a coragem de escolher a vida mais difícil e mais incompreendida, ridicularizada e incompreendida por muitos e apreciada e agradecida por tão poucos... parabéns pela tua escolha..." Eu ia lendo e a figura do neo-presbítero crescia e agigantava-se de tal maneira que

Deus, Cristo e a Igreja ficavam reduzidos a meras figuras secundárias perante o esplêndido herói que soube conquistar para si o melhor papel a representar no palco da Igreja e no grande teatro do mundo.

"Não fostes vós que me escolhestes, fui eu que vos escolhi e vos destinei para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça" (Jo 15,16). Estas palavras de Jesus aos apóstolos situam-nos justamente no nosso lugar e na nossa missão, na missão que d'Ele recebemos. Sublinhando antes de mais que é Ele quem nos elege, digamos também a seguir que não fica passivo quem se sente agraciado por esta escolha. Ao escutar que o Senhor lhe diz "tu és meu, tu és a minha herança" o eleito responde-lhe, na sua liberdade agradecida: quem sou eu Senhor para me escolheres? Tu és, Senhor, a minha herança; a minha felicidade está em viver para ti, em te amar e servir. Formaste-me um corpo: eis-me aqui para fazer a Tua vontade, para anunciar o Teu nome aos meus irmãos (Cfr Sl 16,5; Heb 10,5-7; Sl 40, 10). Quem se surpreende por ser objecto da eleição de Deus aprende a eleger o Senhor, aprende a servir o Senhor em cada dia da sua vida. "Escolhei hoje a quem quereis servir", diz Josué ao povo eleito quando entrou na terra prometida (Cfr Jos 24,15). Em cada "hoje", o eleito de Deus precisa de eleger o Senhor , de se esvaziar de si mesmo, dos seus gostos e projectos pessoais e de se oferecer Àquele que o elegeu. E os horizontes da sua vida vão-se alargando. E chega a compreender que as raízes da sua vocação se encontram na eternidade e para a glória eterna apontam os seus ramos e os seus frutos: "aqueles que predestinou também os chamou; e os que chamou também os justificou, e os que justificou também os glorificou." (Rm 8,30).

Da vocação à eleição. Da vocação que revelou na história a eleição primordial à eleição que os constitui na Igreja participantes do ministério

apostólico. E desta eleição que os consagra como pastores àquela eleição definitiva que os glorificará com Cristo.

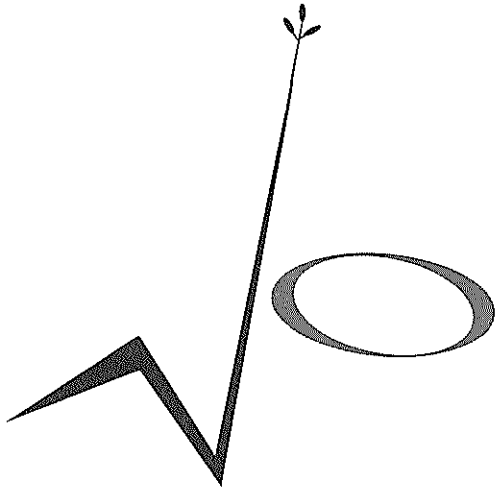
Vocação e eleição. Duas palavras, uma Vida.

Serve este número da Novellae Olivarum para apresentar os finalistas que serão ordenados proximamente: três da diocese do Funchal e sete do Patriarcado de Lisboa, dois dos quais formados no Seminário Redemptoris Mater. A estes sete (senão "magníficos" pelo menos milagrosos porque a vida de cada um deles é um milagre patente de Deus) devemos acrescentar ainda o Pe. João Gonçalves ordenado no passado dia 10 de Fevereiro. A apresentação deles e das suas paróquias de origem constitui o núcleo fundamental da revista. Quatro destes finalistas, agora diáconos, dão-nos uma panorâmica do Seminário escrevendo sobre as quatro vertentes principais da formação aqui ministrada: Formação espiritual, formação intelectual, vida comunitária e iniciação pastoral.

Na perspectiva do Ano Paulino a inaugurar precisamente no dia em que serão ordenados presbíteros, escreve o nosso Reitor, Cónego Nuno Brás, sobre "A Palavra de Deus na formação dos padres de hoje". Completam este número uma breve notícia sobre o nosso Seminário Redemptoris Mater que apresenta à Diocese os seus primeiros frutos, e uma referência ao livro "Por caminhos não andados", que um grupo de antigos professores e alunos do Seminário dos Olivais coordenado pelo Doutor Artur Lemos publicou sobre o segundo período deste Seminário (1945-1948) que agradecemos como testemunho, memória e incentivo. A habitual crónica da vida da casa dá conta aos leitores dos momentos mais relevantes dos últimos meses. Apresentamos ainda alguns esquemas catequéticos sobre a vocação sacerdotal centrados na

figura de Pedro, preparados por alguns seminaristas. Podem ser encontrados no sítio do Seminário (www.seminariodosolivais.org) e destinam-se a grupos de crianças, adolescentes e jovens.

Por fim quero agradecer a colaboração de todos e muito especialmente do Ronald, seminarista do Funchal, que preparou as caricaturas de todos os finalistas que acompanham a respectiva apresentação. 



A PALAVRA DE DEUS NA FORMAÇÃO SACERDOTAL

Cónego Nuno Brás da Silva Martins
(Reitor do Seminário dos Olivais)

Para conhecermos o lugar da Palavra de Deus na formação que o Seminário deve proporcionar aos futuros presbíteros, procuremos como o Decreto conciliar *Optatam Totius* e a Exortação pós-sinodal *Pastores dabo vobis* abordam o assunto. Recordemos que nestes dois documentos a formação sacerdotal é apresentada em grandes áreas: a formação espiritual (onde o Concílio inclui também a formação humana, depois autonomizada na *Pastores dabo vobis*), a formação intelectual e a formação pastoral.

I. A Palavra de Deus na formação espiritual (*OT* 8-12; *Pdv* 45-50)

a) O Vaticano II: adesão a Cristo sacerdote

O Concílio começa, significativamente, por afirmar a unidade das diferentes dimensões da formação nos seminários, para logo depois (de um modo não menos significativo), inserir a formação espiritual dos sacerdotes no seio da formação espiritual de todos os cristãos. Assim, o Vaticano II afirma que a vida «em união familiar e assídua» com a Santíssima Trindade é o objectivo primeiro da formação espiritual nos seminários.

No entanto, no caso da formação dos sacerdotes, o seu caminho espiritual deve ser especificado, sempre no dizer do Vaticano II, por uma particular adesão a «Cristo sacerdote», com quem os presbíteros são configurados na ordenação, e a cujo mistério pascal hão-de «iniciar o povo que lhes há-de ser confiado» (*OT* 8). É pois a «união íntima de toda a sua vida» a Cristo sacerdote que constitui o ambiente onde há-de nascer, maturar e alimentar-se a vida espiritual no Seminário. Quanto aos instrumentos para esta formação, acrescenta o Concílio:

> «Aprendam a procurar Cristo na meditação fiel da palavra de Deus, numa activa comunicação com os santíssimos mistérios da Igreja, sobretudo na sagrada Eucaristia e no Ofício divino; no Bispo que os envia e nos homens a quem são enviados, sobretudo nos pobres, nas crianças, nos doentes, nos pecadores e incrédulos. Amem e venerem com filial confiança a Santíssima Virgem, que foi dada como mãe ao discípulo por Jesus Cristo moribundo na cruz». (*OT* 8).

Esta mesma passagem da *Optatam Totius* foi depois retomada na *Pastores dabo vobis* (*Pdv* 46-47), no que constitui uma interpretação autêntica do texto conciliar. Façamos uma rápida leitura destes números.

b) Os valores fundamentais de qualquer formação espiritual (*Pdv* 46)

O número 46 da *Pastores dabo vobis* retoma o esquema do Concílio, apresentando o que diz serem «alguns valores fundamentais e exigências do caminho espiritual do candidato ao sacerdócio» que são também essenciais na vida espiritual de qualquer cristão. Assim, é fundamental na formação espiritual proporcionada pelo Seminário a união íntima a Jesus Cristo, permitida pelo Baptismo e alimentada na Eucaristia, e que insere o crente na comunhão trinitária, ou seja, naquela «vida nova da graça que nos torna filhos de Deus», e na qual reside a novidade e o lugar da espiritualidade cristã.

O Papa tem mesmo o cuidado de precaver contra aquilo que não constitui o próprio da espiritualidade do cristão e que, quando colocado no centro da vida da fé, desfigura o cristianismo: é o caso das suas reduções seja a uma religião entre outras (numa errada concepção do diálogo inter-religioso), seja a uma simples «ética social ao serviço do homem».

A novidade cristã não pode pois ser entendida como uma simples atitude religiosa ou uma «filantropia»: ela consiste antes no encontro da pessoa de Jesus, e n'Ele, no «dom da aliança pessoal de amor e de vida de Deus com o homem». Assim, a primeira tarefa da formação sacerdotal consiste em proporcionar ao futuro Padre uma «consciência profunda e experiência crescente deste mistério» de comunhão com Deus, condição para que outros o possam também viver. Trata-se de uma verdadeira «amizade» entre Deus e o seminarista, como já dissera *OT* 8: «habituem-se a aderir a Ele, como amigos».

João Paulo II, por seu lado, sublinha que esta amizade não é uma «absurda presunção do homem» mas antes um «dom inestimável de Cristo». É no seu aprofundamento que consiste em primeiro lugar a formação sacerdotal, até porque ela é a única realidade que permitirá ao seminarista deixar-se moldar pelo coração do Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas.

Mas a vida espiritual não consiste apenas na procura que Deus faz do homem; também o homem procura Deus – e deve procurar e ser ensinado a procurar: é o *quaerere Deum*, expresso no Evangelho de S. João na atitude dos dois primeiros discípulos. A estes, depois de escutarem o testemunho do Baptista e de, por causa dele, terem seguido Jesus, é dirigida a pergunta: «Que procurais?», a que eles respondem: «Mestre, onde moras?» (*Jo* 1,37-39). Toda a espiritualidade cristã é pois também caracterizada por esta procura do homem por Jesus, que não pode deixar de ser constantemente aprofundada, «tão inesgotável é o mistério da imitação e da participação na vida de Cristo» (*Pdv* 46). Só quem faz a experiência vital e constante desta procura e deste encontro pode verdadeiramente ajudar outros a caminhar neles.

Mas onde podem os seminaristas procurar e encontrar Jesus Cristo? João Paulo II segue, uma vez mais, o Decreto conciliar, indicando não três lugares paralelos mas o que diz ser «um tríplice caminho a percorrer»: «a fiel meditação da Palavra de Deus, a activa participação nos mistérios sacrossantos da Igreja, o serviço da caridade aos simples» (*Pdv* 46).

Ao dizer que o lugar do encontro com o Senhor é um «tríplice caminho», o Papa dá-nos claramente a entender que esse lugar não é uma realidade estática mas antes um percurso, que se faz e se descobre caminhando, ainda que no meio de cansaços e eventuais recuos. Mas este percurso não

pode ser realizado sem a ousadia de nos colocarmos em marcha, conscientes de que o percorremos com o Senhor. O caminho e o caminhar que Jesus nos propõe (e que desemboca sempre no Mistério Pascal) envolvem e exigem a liberdade e a vontade humanas, numa entrega total.

Mas o facto de a formação espiritual consistir num «tríplice caminho» mostra-a também como uma realidade una e harmónica, em que os diferentes elementos se encontram intimamente relacionados, não podendo ser vividos e aprofundados isoladamente: eles são, recordemo-lo, a Palavra de Deus, a vida litúrgica e a caridade, verdadeiros pilares de qualquer formação espiritual, em direcção ao sacerdócio ou não. Aprofundemos apenas o primeiro deles.

c) A «fiel meditação da Palavra de Deus» (*Pdv* 47)

O n. 47 da *Pastores dabo vobis* desenvolve precisamente em que consiste a «fiel meditação da Palavra de Deus. Logo à partida, é-nos dito que se trata da «leitura meditada e orante», e mais concretamente da *lectio divina*. Assim, o Papa faz uma clara distinção entre este caminho de progresso espiritual e a simples aprendizagem da exegese escolar.

Mas João Paulo II vai mais longe e concretiza a atitude requerida a quem se propõe corresponder aos desafios da Palavra de Deus: trata-se da «escuta humilde e cheia de amor d'Aquele que fala».

Quer dizer: a «fiel meditação da Palavra de Deus» é uma leitura orante da Escritura, mas não se resume ao conhecimento, ainda que «espiritual», de um texto. Com efeito, qualquer texto será sempre uma realidade morta (ou, quando muito, «neutra», sem forma) quando, na sua

leitura, o acento é colocado no leitor que, deste modo, projecta no texto a sua mundividência. Não é assim a Sagrada Escritura quando é lida numa atitude crente, ou seja, quando é acolhida como «Palavra de Deus». Na fé, a Palavra de Deus, porque «de Deus», assume uma objectividade (garantida pelo Magistério), capaz de dar forma a toda a existência do leitor – o mesmo é dizer: é eficaz. Com efeito, quando a fé eclesial lê a Escritura, o leitor não é confrontado com a letra morta mas antes com Alguém (o Verbo), que fala à sua existência e que, sendo Deus, não pode deixar de ser recebido em atitude de «escuta humilde e cheia de amor», até porque, recordemos, é no Mistério do Verbo encarnado que se esclarece o próprio mistério humano (*GS* 22).

Esta mesma atitude de escuta humilde da Palavra não se situa sequer apenas na etapa do aprofundamento da vida espiritual do seminarista: ela encontra-se também no início do seu caminho, na descoberta da própria vocação. Como diz o Papa: só «à luz e pela força da Palavra de Deus» o chamamento divino pode ser descoberto, compreendido, amado e seguido. Podemos pois afirmar que não existe qualquer vocação de consagração que não encontre no seu início a escuta da Palavra de Deus, nas mais diversas formas em que ela se torna presente e fala hoje aos homens.

Do mesmo modo, não existe aprofundamento e progresso em qualquer vocação de consagração que não seja um caminho percorrido com a Palavra de Deus: a partir do momento em que a Palavra divina é acolhida como interpelação à vida concreta, é também ela que oferece ao vocacionado o «significado unitário e radical» da sua existência, permitindo-lhe descobrir um sentido definitivo (escatológico) na sua

vida. Não espanta, deste modo, que a relação do futuro sacerdote com a Palavra de Deus seja a de um «conhecimento amoroso» e «familiaridade orante», condições, aliás, indispensáveis à própria evangelização.

Mas, como vimos atrás, a Palavra não é apenas convite, interpelação da parte de Deus: ela é igualmente resposta que é oferecida ao crente para que a faça sua (a única com a qual ele poderá corresponder plenamente ao chamamento divino). É por isso que é na Palavra de Deus que se encontra também o dinamismo da conversão, que permite discernir na fé tudo o que nos rodeia, e em particular distinguir o bem e aderir-lhe. Dito de outra forma: a Palavra de Deus é o ambiente e o próprio instrumento da oração do seminarista. Só pela Palavra, com ela e nela, a oração se pode transformar em autêntico encontro de pessoas, participação no diálogo que o Filho tem com o Pai. Só mergulhado e familiarizado com a Palavra divina, o seminarista se torna verdadeiro «homem de Deus», configurado pela Palavra, capaz de mostrar Deus aos homens, ou seja, capaz de ultrapassar o «acolhimento simpático» daqueles que o procuram, para pôr os pés ao caminho e ir ao encontro daqueles que não conhecem o Senhor, ajudando-os «a ver Deus, a subir em direcção a Ele».

2. A Palavra de Deus na formação intelectual (*OT* 13-18; *Pdv* 51-56)

É já conhecido o n. 16 da *OT* segundo o qual «o estudo da Sagrada Escritura deve ser como que a alma de toda a teologia». Esta afirmação (retomada em *DV* 24) é cheia de consequências, mesmo para o próprio método teológico. Aqui, sublinhemos apenas como o Concílio concretiza esta afirmação ao fazer referência a uma necessária «iniciação ao método da exegese» para, logo a seguir, indicar a

necessidade do estudo dos «temas de maior importância da Revelação divina» e a «leitura e meditação dos Livros sagrados».

Por seu lado, a *Pastores dabo vobis* começa por apresentar as razões da sólida formação intelectual dos futuros sacerdotes, que podemos resumir a quatro: 1) a salvação dos irmãos; 2) a indiferença religiosa e a desconfiança sobre a possibilidade de a razão conhecer a verdade; 3) a necessidade de mostrar a credibilidade do Evangelho; 4) o particular discernimento crítico requerido pelo pluralismo contemporâneo (*Pdv* 51).

De referir, uma vez mais, a preocupação de João Paulo II em sublinhar a unidade da formação sacerdotal, ou seja, a necessidade de esta ser «integrada num caminho espiritual marcado pela experiência pessoal de Deus», bem como a afirmação de que a teologia é uma função da fé que se procura compreender mais profundamente (*Pdv* 53).

Na sequência desta unidade da formação, a Exortação Apostólica dá ainda um especial relevo à necessidade de o estudo da teologia proporcionar «uma experiência da fé da Igreja que seja completa e unitária», quer dizer: que permita conhecer todas as verdades da fé e conduzir a uma síntese orgânica das mesmas.

É neste contexto que surge a referência ao estudo da Palavra de Deus, sendo significativo o modo como ele é apresentado: trata-se do estudo da «palavra escrita nos Livros Santos, celebrada e vivida pela Tradição viva da Igreja, e interpretada com autoridade pelo seu Magistério» (*Pdv* 54). Ou seja: o estudo da Palavra de Deus não se resume ao estudo da exegese, mas inclui também o estudo da Liturgia (Palavra celebrada), o estudo da Tradição (Palavra vivida) e o estudo da interpretação autêntica da Palavra de Deus realizada pelo Magistério.

Não se trata, obviamente, de reduzir a importância da exegese bíblica. Ela é essencial para o conhecimento profundo da Escritura. Trata-se (isso sim) de não reduzir o conhecimento da Palavra de Deus aos métodos exegéticos, mais ou menos contemporâneos. Isto significa que constituem também conhecimento intelectual da Palavra o estudo da Liturgia (reconhecendo-a pois como «lugar teológico») e o estudo da Tradição (a Palavra de Deus tal como foi lida, conhecida, expressa e vivida pela Igreja ao longo dos séculos).

Notemos, por fim, como o Magistério é referido como o guia que permite distinguir entre as diferentes interpretações da Escritura e, assim, como é necessário que na formação intelectual dos futuros padres se vá além da comunicação de opiniões subjectivas, em favor do *sentire cum Ecclesia* – o que não reduz em nada a importância das interrogações, atitude própria e distintiva do teólogo.

3. A Palavra de Deus na formação pastoral (*Pdv* 57-59)

Estranhamente, o Decreto do Concílio Vaticano II não faz qualquer referência à Palavra de Deus na formação pastoral dos futuros padres. Contudo, não podemos esquecer o que diz o mesmo Concílio no Decreto *Presbyterorum ordinis* n. 4: «Os presbíteros [...] têm como primeira tarefa anunciar o Evangelho de Deus a todos».

Na sequência desta afirmação conciliar, a *Pastores dabo vobis*, depois de referir que toda a formação sacerdotal tem uma característica «pastoral» – ou seja, que toda ela, nas suas várias dimensões, se destina a formar os pastores de que Deus quer dar ao seu povo – coloca a preparação para o ministério da Palavra como a primeira preocupação da formação pastoral dos candidatos ao sacerdócio (*Pdv* 57).

Comecemos pois por tomar consciência de que qualquer das dimensões por que passa a formação no Seminário tem uma razão de ser e uma finalidade pastoral. Assim, a vida espiritual e a vida intelectual do seminarista não se destinam simplesmente a um «consumo privado», pelo que não podem deixar de ser vividas numa perspectiva pastoral (inclusive o seu próprio caminho de santidade): constituindo um enriquecimento pessoal do futuro presbítero, elas encontram sempre a «caridade pastoral» como ambiente onde surgem e devem crescer.

Concretizando o lugar da Palavra de Deus na formação pastoral dos sacerdotes, a Exortação Apostólica recorda que o anúncio da Palavra deve ser realizado de duas formas: com palavras e com a vida. A *Pastores* faz-se aqui eco da *Evangelii nuntiandi*, do Papa Paulo VI, que apontava para toda a Igreja estes mesmos dois elementos no anúncio do Evangelho: «O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, [...] ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas» (*EN* 41). E acrescentava o Papa logo de seguida: «A pregação, a proclamação verbal de uma mensagem, permanece sempre como algo indispensável. [...] O cansaço que hoje provocam tantos discursos vazios, e a actualidade de muitas outras formas de comunicação não devem, no entanto, diminuir a permanente validade da palavra, nem levar a perder a confiança nela» (*EN* 42).

A este propósito, recordemos também o que a Congregação para o Clero diz no seu documento *O presbítero mestre da Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade, em vista do terceiro milénio*. Com efeito, o capítulo II desta «Carta Circular» é todo ele dedicado ao ministério da Palavra. Significativamente, o seu ponto de partida é a revelação divina,

sublinhando-se que esta não se limita a um conjunto de conceitos ou ideias, mas que ela traz consigo o convite que Deus dirige ao homem para que este acolha a comunhão com Ele. Assim, a pregação do Evangelho não deve ser entendida como uma comunicação meramente humana: ela participa «do carácter salvífico da própria Palavra, não pelo facto de falarem de Cristo mas porque anunciam o Evangelho aos seus ouvintes».

Isto exige, da parte do presbítero, uma atitude de serviço em relação à Palavra de Deus: ele é servo e não dono da Palavra, devendo ter o cuidado de não a instrumentalizar, reduzir, diminuir na sua verdade, ou de lhe colocar algum obstáculo, antes adquirindo com ela uma «familiaridade pessoal» na oração. E sobre o ministério da Palavra, a Congregação para o Clero afirma ainda: «A nova evangelização requer um ardente ministério da Palavra, integral e bem fundado, com claro conteúdo teológico, espiritual, litúrgico e moral, atento às necessidades concretas dos homens aos quais deve atingir».

Os diferentes elementos atrás referidos não podem deixar de determinar a formação pastoral dos futuros ministros da Palavra. Esta há-de, pois, em primeiro lugar, formá-los para darem um testemunho do Evangelho de forma ousada, clara e diante de todos – no seio da comunidade do seminário e nas diferentes comunidades e grupos a que são enviados. Depois, há-de proporcionar a possibilidade de os seminaristas (não apenas em virtude do ministério que se preparam para assumir, mas em virtude do próprio baptismo e confirmação) e nas diversas situações com as quais o ministério do presbítero habitualmente se confronta, poderem anunciar o Evangelho com palavras.

Deste necessariamente breve percurso, creio ter ficado claro como os dois principais documentos sobre a formação sacerdotal sublinham a centralidade que a Palavra de Deus deve assumir nela. Nas várias dimensões da vida do seminário (espiritual, intelectual e pastoral) a Palavra de Deus aparece sempre como realidade primeira a dar forma aos demais elementos da formação. Podemos mesmo dizer que ela é o primeiro elemento formativo, que permite ao seminarista perceber e viver correctamente todo o percurso da sua formação para o sacerdócio.

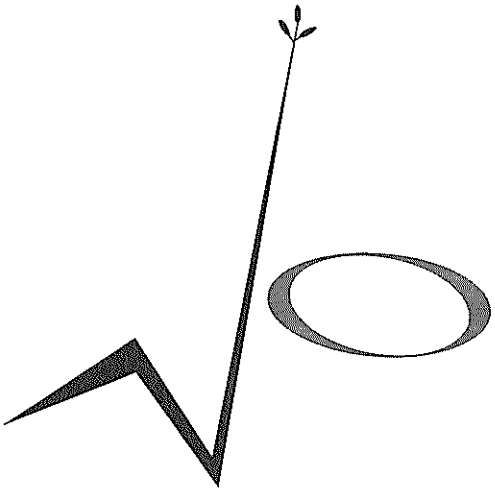
Sublinhemos também como – mesmo na dimensão intelectual da formação do futuro presbítero – a expressão «Palavra de Deus» não nos aparece nunca reduzida apenas à Sagrada Escritura: ela é antes algo que engloba sempre uma série de dimensões vitais, nas quais a Escritura ocupa um lugar primeiro, e nas quais vem ao nosso encontro a Palavra de Deus que é Jesus Cristo.

Notemos ainda como os documentos analisados referem constantemente a preocupação de unificação e harmonia das diferentes dimensões da formação sacerdotal, pelo que o lugar da Palavra de Deus nesta formação há-de constituir com as demais realidades um todo harmónico e integrado – permitido e exigido pelo próprio aprofundamento da Palavra.

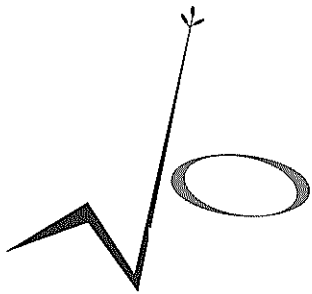
Por fim, sublinhemos como a formação sacerdotal – quanto à atenção dada à Palavra de Deus mas também em todos as suas outras dimensões – é determinada pelo ministério do presbítero. Isso não significa que possamos ignorar o facto de nos encontrarmos num processo formativo, necessariamente gradual e que exige tempo e perseverança

para alcançar a maturidade. Mas daqui decorre também que, à centralidade atribuída pelos documentos do magistério à Palavra de Deus na formação dos futuros padres corresponde a centralidade que a mesma Palavra deve ocupar no exercício do ministério. Finalmente notemos que a formação sacerdotal nunca se encontra completa, mas é antes um processo nunca concluído, de cada vez maior conhecimento e amizade com o Senhor Jesus.





O SEMINÁRIO DOS OLIVAIS VISTO PELOS ALUNOS



A FORMAÇÃO ESPIRITUAL

Diácono Daniel Almeida

A formação espiritual dos candidatos ao sacerdócio deve assentar nas linhas de força da própria espiritualidade sacerdotal[1]. Por isto, o Seminário dos Olivais é uma casa que, partindo da exigência de santidade própria da consagração baptismal, forma uma especial identificação com Cristo sacerdote. Aqui, a vida espiritual pacientemente cultivada dá-nos a solidez e a maturidade necessárias para exercermos o ministério profético, sacerdotal e pastoral em favor dos nossos irmãos.

Esta formação não é um acrescento à vida cristã, muito menos à vida em Seminário, porque ela é que configura toda a formação cristã e sacerdotal. Nada lhe pode ser indiferente: a formação teológica e pastoral, a vida

[1] Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Normas fundamentais para a formação sacerdotal nas dioceses portuguesas e plano de estudos para o Seminário Maior*, Edição do Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 1992, nº 67.

comunitária, o cultivo pessoal das virtudes humanas e cristãs e a iniciação à pratica pastoral. Ela está ligada ao aprofundamento da vida cristã e ao discernimento progressivo da própria vocação sacerdotal, porque ela é uma caminhada de fidelidade à dinâmica da fé e ao chamamento de Cristo. A Sua Pessoa e o Seu mistério estão no centro da formação espiritual deste Seminário, que forma os futuros padres para as dioceses de Lisboa, Santarém, Funchal e Cabo Verde[2].

Foi Cristo que nos atraiu e chamou ao sacerdócio. Por isto, o Seminário tem-nos ajudado a aprender a entrar na Sua intimidade e a responder ao Seu chamamento com liberdade e generosidade de coração, através de todos os seus planos específicos.

Em primeiro lugar pela escuta da Palavra de Deus na perscrutação, de cada semana, em pequenos grupos. Pelo Espírito que nos comunica, ela vai transformando as nossas vidas identifica-nos progressivamente com Cristo Bom Pastor. É ela que nos dá as pistas e os critérios para avaliar a vida e suscitar em nós os sentimentos de Cristo. Além da perscrutação, a Palavra é meditada diariamente por cada um, na capela ou noutros espaços de oração pessoal.

Outra forma concreta de crescer em intimidade com Cristo, Rei e Servo, acontece na celebração da Eucaristia, que marca o ritmo da nossa comunidade. Ela é a experiência da doação diária de Cristo a cada um de nós. Ela é para nós a experiência diária da doação de Cristo à Sua Igreja. Nela podemos tocar e comungar Aquele que nos chama. Dela recebemos o sustento, força, intrepidez, entusiasmo, estímulo, encanto, novidade, e vigor

[2] Cf. *Ibidem*, nº68 e 83.

para sermos oferta viva, santa e agradável ao Pai (Rm 12,2). A comunidade prolonga esta relação íntima e profunda com Cristo na adoração Eucarística ao Domingo e noutras ocasiões, comunitárias e pessoais, porque é Ele quem nos dá o discernimento e a sabedoria para vivermos como verdadeiros filhos de Deus.

Esta relação com Cristo também a cultivamos na oração comunitária de Laudes e Vésperas diariamente cantadas, nas recolecções e retiros (como momentos forte de oração e escuta), em tempos de silêncio necessários para O escutarmos, (para recordarmos o que é essencial e o que dá sentido a este caminho vocacional), nas partilhas espirituais, na recitação do terço e na via-sacra durante o tempo da Quaresma. A capela é um dos lugares privilegiados desta formação espiritual. Ela é o lugar central onde nos encontramos pessoalmente com Cristo e com a comunidade, e onde a comunidade, em conjunto celebra o Senhor em que acredita. Este relacionamento com Cristo continua nas outras Horas do Oficio Divino, na direcção espiritual, e noutros exercícios espirituais pessoais. Por outro lado, tendo em vista a formação de servidores do Sacerdócio comum dos fiéis o Seminário também nos ensina a viver "sacerdotalmente" reproduzindo em nós mesmos o regresso de Cristo ao Pai atraindo consigo toda a Humanidade e intercedendo por ela. Assim, situando-nos no coração de Cristo e da Igreja sentimos que a Salvação das pessoas hoje, também depende da nossa oração de intercessão.

A vida espiritual em comunidade brota do seio da Santíssima Trindade, e é nesta relação que somos levados a sair de nós próprios para nos dedicarmos aos irmãos no serviço concreto, espontâneo e desinteressado que Jesus nos dá como programa de vida, ao lavar os pés aos discípulos. É assim que cada um é levado a esvaziar-se de si, dos seus projectos e das suas

justificações, para se deixar encher e tomar pelo Espírito de Cristo Servo e unir-se a Ele para fazer a vontade do Pai. Esta obediência passa pelos serviços comunitários e ocasionais, pelo desporto, as actividades lúdicas e pelos trabalhos universitários e pastorais. Tudo isto contribui para nos ajudar a crescer como filhos de Deus, irmãos e servidores dos irmãos. Assim, é nesta participação comunitária que é possível ver Cristo no rosto do outro que vive comigo e que comigo partilha o caminho de entrega aos irmãos. É nesta experiência que também percebemos o outro como uma pessoa amada por Deus, filho de Deus, e portanto meu irmão. Por isto, quando reconhecemos nele a presença do Espírito de Deus, descobrimos o outro como dom que nos torna possível caminhar na fé e na caridade cristãs.

Para nos ajudar a viver o Seminário como uma experiência autêntica e feliz de comunhão e assim ajudar a formar um presbítero que sirva 'melhor' a missão da Igreja no nosso tempo, o Espírito suscitou entre nós a novidade da partilha espiritual em cursos. Nela vemos cair muros e barreiras e tomamos consciência das dificuldades de cada irmão, de forma a aceitá-lo assim como é. É um tempo de grande humildade, onde cada um fala abertamente de si, num clima de inteira liberdade e de oração. A comunidade ansiava este tempo de verdadeira partilha para que se pudesse crescer em verdadeira comunhão, tomando consciência do testemunho e das dificuldades daqueles que caminham connosco. Com esta partilha espiritual, o Seminário ensina-nos a colocarmo-nos diante de nós mesmos e dos outros, partilhando a experiência de Cristo nas nossas vidas, percebendo como Ele trabalha em nós.

Nesta formação espiritual é elementar a equipa formadora e particularmente o Director Espiritual. É com ele que vamos cultivando a vida teologal e caminhando no discernimento e na obediência à vontade de Deus,

através da releitura da nossa vida à luz da fé. Neste diálogo com o Director Espiritual tomamos consciência, do grande Amor de Deus que escolhe cada um de nós assim como é e aprendemos a viver com sabedoria e paciência.

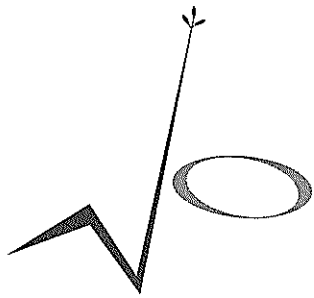
No seguimento do crescimento da vida espiritual temos experimentado o Sacramento da Reconciliação como um acontecimento fundamental, porque nele recebemos e celebramos a misericórdia do Senhor que renova em nós a graça baptismal.

Em todo o tempo de Seminário, as actividades, decisões, opções e atitudes, são um percurso de encontro, escuta, contemplação, crescimento interior e entrega a Cristo Rei que se fez Servo levando-nos a participar da Sua própria entrega como Filho ao mundo, para atrair o mundo para o Pai. É nesta relação de intimidade e entrega que o celibato é cultivado e vivido pela comunidade do Seminário dos Olivais. O celibato é vivido como um aspecto da vida do Filho, que para revelar o Pai aceita ser apenas e sempre Filho. Porque dom e escolha de um Amor maior e indivisível a Cristo e à sua Igreja, numa disponibilidade plena e alegre de coração para o ministério pastoral, procuramos vivê-lo à imagem de Cristo Bom Pastor e Esposo da Igreja.

Nesta configuração com Cristo, Maria tem um lugar fundamental. Ela não é apenas o modelo da total doação ao Salvador e aos redimidos, mas, enquanto Mãe tem a missão, que recebeu de Seu Filho na Cruz, de nos ajudar a crescer na maturidade da vida cristã sem a qual não se pode exercer o ministério apostólico. Por isso, no Seminário, somos convidados a acolher e a amar Maria com amor "filial", que nos leva a viver e a agir na obediência a Cristo Senhor.

Resumindo, a formação espiritual é vivida por nós como um caminho

pessoal e comunitário que nos vai moldando à imagem de Jesus que veio procurar e salvar o que estava perdido (Lc 19, 10). Nesta dinâmica de amor cada membro da comunidade do Seminário cultiva a castidade, a pobreza e a obediência que nos configuram com o Senhor e tornam possível que O venhamos a servir como presbíteros.



A FORMAÇÃO INTELECTUAL

Diácono António Estevão

A expressão "padres de betão armado" era utilizada para designar as primeiras gerações de sacerdotes que aqui se formaram (aqueles que até então se tinham formado no velho Seminário de Santarém eram chamados "Padres de pedra e cal"). Se num primeiro momento a referida expressão visava a estrutura física deste edifício, num segundo momento transporta-nos à realidade da formação aqui ministrada: humana, espiritual, pastoral e intelectual. Digamos que o Seminário dos Olivais intenta dotar os candidatos ao sacerdócio de uma formação coesa e consistente capaz de responder aos desafios sempre novos de cada época. O Cardeal Cerejeira pretendia, já naquele tempo, preparar um clero para responder ao "tempo novo" que marcava a realidade eclesial saída da Primeira República.[1]

O Seminário dos Olivais mantém vivo este traço originário da sua identidade procurando formar padres que se distingam pela santidade e pela

[1] Cf. D. J. C. POLICARPO, "*O Seminário na Igreja Particular*", in Novellae Olivarum, Outubro de 2006, 14.

sabedoria. Com um processo formativo global em que se relacionam as quatro áreas da formação acima citadas, pretende-se formar seguindo também as orientações saídas do Concílio Vaticano II e dos documentos que se lhe seguiram relativos à formação presbiteral. Neste sentido requer-se uma formação sólida que seja capaz de satisfazer as várias necessidades do apostolado, orientada pela motivação de fundo da formação intelectual: o ministério pastoral (PDV 51).

Quando escolhe os discípulos (cf. Mc 3, 1-3), Jesus Cristo chama-os para estarem com Ele, para cultivarem a relação com Ele, de que brotará o progressivo conhecimento de Jesus e da sua missão, continuada na Igreja. A exigência da formação intelectual, que nos permitirá um encontro com os nossos contemporâneos, brota deste encontro com Cristo que veio para reunir todo o seu rebanho. Ela, a formação intelectual, abrindo e orientando para o conhecimento e a adesão a Cristo, isto é, para um aprofundamento pessoal da fé, levará necessariamente ao encontro com os irmãos, no cumprimento do amor a Deus e ao próximo, na realização da Sua missão, da missão da Igreja.

No Seminário dos Olivais temos os candidatos que frequentam os 3º, 4º e 5º anos do Mestrado Integrado em Teologia na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Habitualmente, são dedicadas às aulas todas a manhãs dos dias úteis da semana, ficando livres as tardes para o estudo pessoal e para as restantes actividades formativas propostas pelo seminário. Assim, cada um é totalmente responsável pelo seu estudo, cabendo-lhe gerir o tempo disponível para a sua formação intelectual, que também é chamada a ir além daquilo que é proporcionado pela Faculdade de Teologia, fazendo o possível para que, na sua leitura pessoal, se dedique tempo para a aproximação a outras áreas não contempladas no plano de

estudo universitário. Neste sentido, em algumas quartas-feiras, dia da comunidade, a noite é dedicada também a um aperfeiçoamento em algumas áreas que não são aprofundadas ou mesmo abordadas na Universidade, como também a participação em algumas conferências ou semanas de estudos que concorrem para uma formação intelectual mais completa.

Num sentido geral a comunidade vê o estudo como caminho de aprofundamento da fé, um estudo que não se reduz a um exercício intelectual mas que deve estar em constante relação com a oração. Embora reconhecendo que isso muitas vezes é um desafio difícil de realizar totalmente, a comunidade vê-o como essencial para que a formação no seminário não seja fragmentada, mas sim um todo que só é tornado possível pela oração enquanto pólo conciliador de todas as dimensões da formação que se encontram sempre em tensão na vida da comunidade. Contudo, também reconhece que a mesma formação deve levar a uma análise crítica (não criticista) da realidade, de modo a podermos apreendê-la cada vez melhor para lhe darmos uma resposta válida e concreta ao nível da fé.

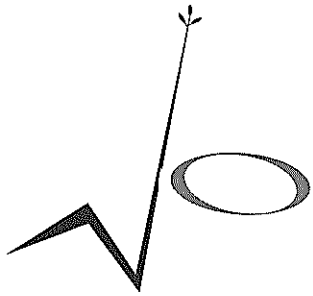
Porque muitas vezes a teologia é (erradamente) vista como uma disciplina estanque, a formação procura estabelecer pontes entre as diversas áreas do saber, para que o discurso crítico sobre a fé seja profundo e integral. Neste sentido, este diálogo é visto como necessário, pois encontramo-nos num mundo de saber cada vez mais fragmentado com o qual teremos que lidar no serviço pastoral e que exigirá uma capacidade de propor a mensagem cristã a quantos apenas sabem da área em que se especializaram.

Os tempos que correm pedem-nos, como o tem acentuado o Senhor Patriarca, um dinamismo novo para a "nova evangelização". Esta exige um testemunho e uma proposta sólida e consistente da fé para a qual concorre também a formação intelectual. No meio de uma deriva que muitas vezes

marca o nosso contexto cultural. uma proposta sólida de "vida em abundância" é um dos caminhos que deve marcar esta "nova evangelização". A formação intelectual, que não é um fim, mas um meio em vista ao encontro pessoal com Cristo, deve concorrer para uma formação sólida, que estruture uma vida de profunda união a Cristo, que será o bastão de apoio para que na vida pastoral, como diz o Cón. Carlos Paes, antigo vice-reitor do seminário, os jovens padres não se deixem assimilar por um sistema de religiosidade tradicional[2]. O cardeal Cerejeira tinha como objectivo formar padres que se distinguissem pela sua "santidade e pela cultura", (os tais padres de "betão armado"), com uma formação integral sólida capaz de responder aos desafios que se colocavam à Igreja no seu tempo. Passados 75 anos este traço identitário do Seminário dos Olivais não só deve permanecer, mas sobretudo deve ser continuamente apurado num constante diálogo de criatividade capaz de responder aos desafios da Igreja actual, propondo Jesus Cristo, "*Caminho, Verdade e Vida*", a um mundo cada vez mais sedento de referências e de plenitude autêntica.

---

[2] Cf. C. CARLOS PAES, "*O Seminário Patriarcal de Lisboa: 75 anos nos Olivais – reflexões sobre a década de 70*, in *Novellae Olivarum*, Outubro de 2006, 14.



A VIDA COMUNITÁRIA

Diácono Marcelo Boita

A vida comunitária manifesta no mundo a beleza esplendorosa da comunhão divina que Deus nos oferece e que nós, deslumbrados, aceitamos pela fé em Jesus Nosso Senhor. Uma experiência autêntica de vida cristã é necessariamente comunitária. O seminário como escola de discípulos é uma comunidade cristã muito específica. Como nos diz o Papa João Paulo II na Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis:* «o seminário seja sentido não de um modo exterior e superficial, quer dizer, como simples lugar de habitação e de estudo, mas de um modo interior e profundo: como comunidade, uma comunidade especificamente eclesial, uma comunidade que revive a experiência do grupo dos Doze unidos a Jesus»[1]. Esta pequena citação sublinha a necessidade da atenção às disposições de cada membro da comunidade de Seminário, porque o Seminário não é uma realidade abstracta mas é antes de mais cada um dos seus membros em comunhão com os outros.

---

[1] JOÃO PAULO II, *Pastores Dabo Vobis*, Editora Rei dos Livros, 1992, nº60.

Nesta comunidade fazemos a experiência dos Doze, a quem Jesus escolheu e chamou para O seguirem: fazemos a experiência de sermos convocados por Cristo, e reunidos pelo Espírito em Seu nome para aprendermos com Ele a adorar e amar o Pai, a conhecer a Sua vontade e a servir o Seu desígnio de amor com tudo o que somos e temos. Filhos no Filho, cultivamos entre nós um relacionamento fraterno e reconhecemos no irmão o rosto de Cristo, que nele se faz presente. A vida comunitária só poderá nascer desta íntima relação com Cristo, pois é Ele quem escolhe, quem chama, quem guia. Talvez gostássemos nós de escolher aqueles com quem partilhar a vida, mas é Cristo quem nos chama e ensina para nos enviar a testemunhar o seu amor, a sua vida, a sua misericórdia.

Mais que uma camaradagem de amigos, a vida comunitária é realidade espiritual: é um processo de conhecimento e aceitação de cada um na sua especificidade que nos leva a "sair de nós mesmos", a relativizar o "eu" e a valorizar o "nós", numa aprendizagem que nos proporciona um olhar purificado, que não se orienta pelos gostos e simpatias pessoais, mas que vê em cada irmão assim como é, um dom de Deus. Neste caminho de caridade fraterna o seminário configura-se «como uma comunidade educativa em caminhada»[2]. Nele aprendemos a praticar a verdade na caridade e a cultivar a pobreza, a castidade e a obediência sem as quais não há verdadeira comunidade cristã.

Na condição de candidatos a pastores do povo de Deus, a vida comunitária desvenda-nos a sua fonte no Coração de Cristo na sua comunhão com o Pai no Espírito Santo, e leva-nos a aprender d'Ele a mansidão e a

---

[2] JOÃO PAULO II, *Pastores Dabo Vobis*, 60.

humildade de coração. Este chamamento a sermos discípulos com muitos outros que não escolhemos e que têm uma personalidade diferente chama-nos à conversão a Cristo e a uma purificação e morte permanentes. Só existe vida comunitária na medida em que diariamente vivemos a nossa condição de baptizados morrendo para nós mesmos, para o homem velho, e ressuscitando com Cristo. É apenas com Ele que passamos da morte do egoísmo àquela vida que se manifesta no amor aos irmãos. Experimentamos assim que «na nossa existência de crentes, a nossa morte é tão permanente como a vida»[3]. Esta constante descoberta do outro como alguém importante e essencial para o nosso crescimento humano e espiritual requer uma grande abertura de cada um de nós àqueles com quem caminhamos, de quem dependemos e para quem vivemos. Requer a comunicação entre nós, verdade na relação, o confronto verdadeiro e correcção fraterna que favoreça a conversão e a comunhão no Senhor.

Por isso, é tão importante a partilha sincera da vida, partilha que requer também de cada um de nós uma certa criatividade e coragem para irmos ter com os outros, para os escutarmos e para falarmos de nós próprios. Só assim a comunhão pode ser cultivada e vivida no seio desta comunidade concreta do seminário. Muitas vezes há a tentação de deixarmos a comunidade para segundo plano, marcando as nossas coisas sem olhar às actividades já marcadas.

A comunhão que somos chamados a viver é cultivada e alimentada na vida litúrgica, na oração pelos irmãos, na partilha espiritual, na inter-ajuda no estudo, nas refeições, nas actividades lúdicas, nas conversas entre nós, nas quartas-feiras, o dia comunitário, ou seja, no todo da nossa vida.

---

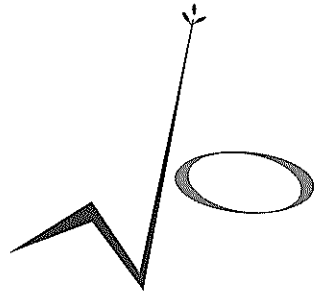
3 Homilia de D. José Policarpo, Cardeal Patriarca de Lisboa proferida no Pontifical da Ressurreição do Senhor, 23 de Março de 2008 na Sé Patriarcal.

A dimensão comunitária é imprescindível na vida de presbíteros que têm a missão de transformar a Igreja em casa e escola de comunhão como nos exortou o Papa João Paulo II na carta apostólica *Novo Millenio Ineunte*, nº 43.

A vida no seminário tem de ser, por isso, uma experiência gozosa de comunhão, pois é uma graça ter irmãos para pudermos suportar o peso e a responsabilidade do ministério.

Podemos dizer que a comunidade do seminário tem a grande missão de formar um presbitério que não pareça nem seja uma soma de indivíduos, mas uma comunhão efectiva radicada no Sacramento da Ordem. Conscientes de que estes serão amanhã será padres connosco, membros de um mesmo presbitério, procuramos lançar já no seminário as base dessa comunhão presbiteral.

A vida comunitária é muito importante para que se forme em nós este coração de pastor à imagem do único Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas. Assim, em cada dia somos chamados a esvaziar-nos de nós mesmos para acolhermos os irmãos e experimentarmos no meio de nós a presença de Cristo ressuscitado como fonte de perdão e de vida fraterna na verdade e na caridade. E para isto é de extrema importância o papel dos padres formadores que também são parte integrante da comunidade do seminário. São como que os irmãos mais velhos, os "mestres" que vão à frente a indicar-nos o caminho. Podemos dizer que são a voz da Igreja que nos ajuda a discernir o melhor caminho a seguir para nos assemelharmos cada vez mais a Cristo.



INICIAÇÃO PASTORAL

Diácono Abel Mateus

A formação do Seminário dos Olivais procura ser uma verdadeira iniciação à prática pastoral, configurando o coração dos seminaristas de modo a "fazê-los comungar da caridade de Cristo, Bom Pastor"[1]. A formação pastoral não é uma simples aprendizagem de técnicas, embora estas não possam ser dispensadas. É uma iniciação à sensibilidade de pastor, ao hábito de avaliar os problemas e estabelecer as prioridades à luz da fé. Podemos dizer que a pastoral tem as verdadeiras características de uma arte que exige prática, mas que também não pode viver sem um suporte teórico que funcione como estrutura.

---

[1] Cf. JOÃO PAULO II, *Pastores Dabo Vobis*, 57.

A reflexão pastoral tem características de uma disciplina teológica autónoma e por isso é estudada, tal como as outras áreas do saber teológico, de forma científica[2]. Na sua forma actual temos uma disciplina, de carácter genérico, no 5º ano do Mestrado Integrado de Teologia. Esta disciplina pretende ser uma introdução teórica a algumas metodologias e instrumentos pastorais. No 6º ano da formação são ministradas as restantes disciplinas de pastoral, de forma mais especializada.

A formação pastoral incide nas diferentes áreas da vida de uma paróquia. A celebração e a pastoral dos sacramentos, a anúncio da Palavra de Deus nos diferentes momentos e contextos, a administração de uma paróquia e a sua organização, o planeamento e a conservação do património, os aspectos legislativos, etc... são áreas cobertas pela formação pastoral ministrada no último ano de formação no Seminário dos Olivais. Esta formação, sendo muitas vezes de carácter testemunhal, contada muitas vezes na primeira pessoa, é ministrada por padres com experiência, nas diferentes áreas. Mas a pastoral faz-se também no terreno contactando com realidades concretas.

A iniciação prática dos seminaristas na pastoral inicia-se no primeiro ano do Seminário dos Olivais. No Patriarcado de Lisboa temos o Seminário Maior dividido em duas casas: o Seminário de S. José, dito também vocacional e o Seminário dos Olivais, designado pastoral.

No período de formação que decorre no Seminário de Caparide a dimensão pastoral não está esquecida. Aqui desenvolvem-se acções de carácter mais pontual

---

[2] Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Normas fundamentais para a formação sacerdotal nas dioceses portuguesas*, 107.

e não continuado, como são as visitas às diferentes paróquias da diocese. É uma forma de tomar contacto com rostos e pessoas a quem iremos servir.

No Seminário dos Olivais a pastoral é assumida de uma forma continuada numa paróquia ou serviço. Pretende-se que os seminaristas tomem contacto com aquilo que são as diferentes realidades da vida pastoral. As alegrias e as dificuldades das comunidades e dos seus pastores são partilhadas com os seminaristas que assumem também a sua quota-parte na edificação de uma comunidade.

Esta colaboração que acontece normalmente ao Sábado e Domingo de cada semana pretende ser uma verdadeira aprendizagem para os seminaristas e também para as comunidades. Não se trata de ter numa paróquia mão-de-obra especializada, que substitua os responsáveis ou lideres dos diferentes grupos. Este é o momento de contactar com realidades sociais e eclesiais diferenciadas que possam valorizar e preparar os seminaristas para a vida de pastores de uma comunidade. A pastoral é a iniciação numa experiência e aprende-se caso a caso com aqueles que já levam alguns anos de vida sacerdotal.

O conjunto das paróquias e serviços onde fazemos estágio pretende ser uma amostra das diferentes realidades eclesiais que temos na Diocese. Ao mesmo tempo também se pretende que o pároco, equipa pastoral ou director do serviço tenham uma experiência relevante pois são uma parte activa na formação dos seminaristas. Actualmente temos um serviço, o Pré-Seminário, e algumas paróquias, que procuram retratar as diferentes realidades sociais e eclesiais: paróquias da cidade (S. João de Deus, Portela, Bairro da Encarnação e Parque das Nações), paróquias do termo da cidade (Algés, Algueirão, Linda

a Velha, Loures, Ramada e Sacavém,) e uma paróquia do Oeste (Milharado).

A formação de um coração de pastor à imagem de Cristo só pode fazer-se nas situações concretas da vida, nas paróquias e movimentos em que nos encontramos inseridos. Cultivar a disponibilidade, o amor e o desejo de gastar toda a vida ao serviço do Evangelho é o grande objectivo da iniciação pastoral que o seminário nos oferece.



RETRATO DOS ORDINANDOS



ABEL FERREIRA

A PESSOA

Urgência de viver

Novembro de '74; dia 10. Uma ambulância cruzava a estrada a caminho do Hospital, fazendo por ultrapassar a urgência de nascer do Abel. Sem sucesso. Nasceu, estavam ainda no Campo Grande. O pai, peremptório,

exclamou: "Ou é registado onde nasceu, ou em casa!". Mas, quem viria a ser este menino?

Enquanto rapazote, estudou nos Casais da Serra, paróquia do Milharado, concelho de Mafra (onde teve catequese), na Malveira, em Loures e, a partir aos 15 anos, em Lisboa. Aí licenciou-se em Contabilidade (no ISCAL), concluindo, posteriormente, uma pós-graduação em Gestão Financeira (no ISG).

No que toca ao seu itinerário *crente*, o Abel "ainda é do tempo" em que havia que percorrer 12 anos de catequese para receber o crisma. Uma vez crismado passou a ser, ele próprio, catequista. No entanto, a chegada de um padre novo (Paulo Franco) à paróquia trouxe também consigo um desafio reforçado: integrar a equipa que abriria o agrupamento de escuteiros, coisa que exigiria uma grande disponibilidade. Doravante, "ou catequese ou escuteiros". O Padre Paulo optou pela segunda hipótese.

Viver para os outros

O seu percurso vocacional teve como pano-de-fundo a experiência comunitária do Caminho Neo-catecumenal. Houve, porém diversos acontecimentos marcantes que o ajudaram a "identificar" aquele *profundo apelo*. '1999 foi para ele um ano marcante. Em primeiro lugar, arriscou-se numa peregrinação a Santiago de Compostela. Peregrinar há-de ser sempre uma experiência "atrevida": pés moídos, cansaço acumulado, quilómetros entranhados nos músculos, oração e gargalhadas, e silêncio... e mais silêncio. Neste percurso, tudo o que não seja terra, pele, suor, meia dúzia de trapos a fazer de invólucro ambulante, umas páginas mastigadas pelo coração e uns bochechos de comida, sobra. Ora, o Abel trazia consigo 18kg de coisas

supostamente importantes, mas irremediavelmente sobejantes... Chegado à catedral, quando procurava aproximar-se da figura do apóstolo S. Tiago, apercebeu-se de que não cabia! Fisicamente, era-lhe impossível passar! O caminho servira-lhe para perceber o realismo do alerta de Jesus: "A porta é estreita". Ainda em Santiago, tropeçou na 2ª leitura do ofício de Sta. Mónica, mãe de Sto. Agostinho (um cristão do séc. IV): "Não te preocupes comigo; lembra-te de mim junto do altar de Deus".

No ano seguinte visitou uma monja da sua paróquia num mosteiro em França, que o impressionou. "Como é possível ser-se feliz assim, com tão pouco?", pensou. Esse ano correspondeu, ainda, ao início do estágio de alguns seminaristas na paróquia. Ao trabalhar com eles no agrupamento constatou – talvez com alívio... – que se tratava "de gente normal". O prior fez-lhe, então, uma provocação: "Queres ir para o seminário?". A ousadia ia-lhe valendo um não menos ousado "sopapo"... No entanto, foi o Abel quem acabou atordoado pela pergunta.

Lentamente, a questão foi amadurecendo. A pretexto de levar umas "sacas de batatas" ao seminário (já que trabalhava numa empresa ligada ao ramo), foi-se aproximando do padre Francisco Inocêncio, então vice-reitor do seminário de Caparide. Das conversas resultou a decisão: "Vou entrar!". Mas, estaria ele certo de que entraria "para ficar"? Não. De todo! Inicialmente, impôs a si mesmo um prazo de 6 meses para esclarecer a questão (supondo ele que ao fim desse tempo estaria já capaz de voltar ao trabalho com a questão resolvida...). A verdade é que, com um ritmo de vida muito acelerado (própria de uma vida laboral cheia, a par de um grande empenho na vida paroquial), e sendo assaltado frequentemente pela ideia "e porque não ser padre?", o Abel sentia-se um pouco "perdido" e a precisar de "repensar a vida". Foi o encontro

com "a malta do seminário", em quem descobriu "um grupo de amigos" marcante, que o ajudou a perceber o quanto a ideia de "ser padre" não era passageira. De facto, à medida que o tempo foi passando, e conforme ia aprofundando as relações com os companheiros de seminário (alguns dos quais tendo discernido a vocação não no sentido do sacerdócio mas do matrimónio), viu crescer nele o desejo de "construir a Igreja ao lado deles". A pouco e pouco, o "ser padre" deixou de ser uma questão simplesmente pessoal (para "resolver o meu problema") para ser uma forma de participação na *questão do mundo* (para "dar o meu contributo na resolução dos problemas do mundo"). Esse desejo de *estar ao serviço* dos outros traduz-se no desejo de "ser um sinal para a edificação da Igreja", uma Igreja plasmada em rostos concretos, uma Igreja, ainda, que traz consigo o Rosto de Cristo a um mundo tão desfigurado...

O que disseram os outros?

As reacções dos amigos foram marcadas por um grande sentido de humor. No emprego, o seu director, ao ouvi-lo, retorquiu: "Se fosse por uma questão de dinheiro, aumentava-o; se fosse por uma questão de insatisfação com a área de trabalho, mudava-o para outra área; mas, sendo assim...". Uma colega, cheia de sentido de humor, dizia-lhe: "Se o Dr. Abel vai para padre, eu vou para freira".

A família, essa, acolheu com alguma surpresa a decisão. Afinal, o nosso Abel já estava "lançado na vida"... Perguntavam-lhe, inicialmente: "Se era isso que querias, porque é que não foste há mais tempo?". Porém, depressa passou o choque inicial.

A sua Comunidade

A paróquia de S. Miguel do Milharado data do tempo da fundação da nacionalidade e tem uma pequena igreja rústica, situada dentro de uma cerca murada e à frente de cuja fachada se encontra um cruzeiro do século XVII. A igreja conserva da época quinhentista a sua porta manuelina com finos colunelos e uma decoração em enrolamentos vegetais e cachos de uva, motivos que mais tarde serão adoptados na talha dourada dos retábulos barrocos. Ao alto, no centro, um brasão, em que aparecem gravadas as cinco chagas de Cristo.

O seu pároco é o padre Paulo Alexandre Amaral Serra que tomou posse no dia 11 de Setembro 2005. No que respeita às estruturas e dinamismos pastorais podemos salientar em primeiro lugar os serviços do Cartório, do Boletim Paroquial, e do Serviço de Acolhimento. Liturgicamente podemos focar o grupo de acólitos, os grupos corais, o grupo de leitores, os Ministros Extraordinários Comunhão e os Ministros Extraordinários da Assembleia Dominical na Ausência de Presbítero. No campo da evangelização focamos a catequese da infância e da adolescência, a Iniciação Cristã de Adultos, a Catequese de Adultos, Oração pelas vocações, inserida na corrente de oração da Vigararia, a preparação para o Matrimónio, a preparação para o Baptismo, o Movimento Juvenil, o Agrupamento de Escuteiros - 1188 Milharado, e o Caminho Neo-Catecumenal. Na vertente sócio-caritativa focamos o Centro Social Paroquial do Milharado, o grupo de visitadores dos doentes, a comissão da Festa de S. Miguel.

Vocacionalmente, o Abel será o primeiro padre desta freguesia, de há cem anos para cá. Está também o Alfredo Francisco no Seminário Menor de Penafirme

no 12º ano e duas monjas de Belém (Irmã Graciena e a irmã Myri) e ainda a irmã Marina nas Clarissas em Monte Real.

Um testemunho pessoal

Como 6 meses viram 7 anos...

Seis meses transformam-se em sete anos porque o projecto de ser padre deixou de estar nas minhas mãos e passou a ser d'Ele. A mim coube-me descobrir novas formas de responder sim. Umas vezes com maior fidelidade outras com menos, mas sempre sabendo que é Ele quem conduz a história.



ABÍLIO LUCAS

A PESSOA

Microbiografia

Biografar é sempre uma tarefa delicada. É-o ainda mais quando às linhas escapa o tamanho necessário para a exposição da vida. Ora, o senhor Abílio (estou certo que ele me pedirá contas do "senhor"...) é uma dessas pessoas que não cabem nestas microbiografias... Mas, vamos tentar.

Quando o Abílio nasceu, corria o dia 25 de Fevereiro de 1951, a Freguesia de Segura (no concelho de Idanha-a-Nova, do distrito de Castelo Branco) deixou de o ser, ou pelo menos ficou menos [segura], tal o turbilhão de energia que nele se concentrava ... A família, catolicíssima, encontrava no pai o seu pólo de união, já que era ele quem "punha água na fervura no feitio inflamado da mãe", decerto atarantada pelos 5 filhos (note-se que o Abílio era um deles, o que, de si, é muito significativo). Realmente, o pai era daqueles homens bons que mesmo depois de prejudicados não têm na boca senão um "Deixa-os; faz-lhes mais falta a eles que a nós!". O ambiente familiar era, pois, marcado por um grande espírito de compreensão e ternura.

Aos 12 anos pensou ir para o seminário, mas o pai, influenciado por um amigo da família, o "tio" Joaquim Caniço, decidiu antes proporcionar-lhe os estudos. O padre António, embora *apostasse* naquela vocação, concordou com a decisão paterna, adiantando: "Fica para mais tarde". Assim, o nosso Abílio seguiu para Castelo Branco onde veio a integrar a JEC. Foi aqui que, ainda novo, foi crismado.

Terminado o 5º ano, voltou à aldeia para acompanhar o pai, gravemente doente, nos trabalhos do campo. Passado um ano, e recuperado o pai, foi para Lisboa com o fito de estudar e trabalhar (apesar de insistência do pai para patrocinar os seus estudos).

Em Lisboa frequentou a Capelo do Rato e conviveu com o padre Alberto Neto (pois que vivia com uns tios em S. Bento). Todavia, aquele ambiente não o *apanhou por dentro*, pelo que, a pouco e pouco, a sua vivência cristã se foi resumindo à participação na missa dominical...

Em 1972 foi para Angola a fim de cumprir o serviço militar. A vida naquela terra marcou-o a ponto de, em Março de 1974, pedir autorização para nela permanecer – com o intuito mais ou menos secreto de ingressar numa congregação. A guerra, porém, gorou aquele projecto.

De volta a Portugal, depressa se embrenhou na vida profissional, sobretudo a partir de Janeiro do ano seguinte. Então, a *febre* de sucesso profissional para alcançar o *topo da carreira* arredou-o quase por completo da vida cristã. Todavia, quanto mais arrecadava, materialmente, mais vazio se sentia, de tal modo que, progressivamente, foi atravessando períodos de crise cada vez mais agudos, mormente entre 1985 e 1998. A pouco e pouco foi-se apercebendo da urgência de identificar as razões profundas dessas crises (sobretudo a partir de 1991), e chegou à seguinte conclusão: "Estava a viver só para mim mesmo, quando tinha crescido a pensar em servir os outros". Este período de *viagem pelas profundezas de si* foi catalisado pela companhia da mãe, que entretanto viera viver com ele (a partir de 1987). De facto, aquele foi bem o momento para conviver com "a mãe que não tivera", com aquela ternura que marcara a *casa dos seus começos*. De facto, a alegria do *reencontro* foi tal que o nosso Abílio chegou mesmo "a partir uma costela a dançar com ela (a mãe)". Quando, em 1994, a sua mãe faleceu, experimentou um sentimento de profunda tranquilidade. Se a morte do pai o fizera sentir-se órfão, agora pôde murmurar: "Mãe, até já!".

Um grave acidente, de que escapou sem um arranhão, estremeceu definitivamente com ele, lançando-o novamente para a confissão. Depressa se viu mergulhado numa nova fase do seu *itinerário existencial* que o levou, também, a outros *caminhos* (como os da peregrinação até Santiago de Compostela ou aqueloutros, rumo a *Roma*, no Corpo de Deus do ano 2000).

Esta transformação decidiu-o a abandonar o emprego, movido por um íntimo "desejo de servir os outros". Assim, aproximou-se do pároco para que lhe desse "algo que fazer na paróquia: ser seu motorista; varrer a igreja; ou qualquer outro trabalho, ...".

Do "querer servir os outros" ao "ser padre"

Inicialmente, o padre José Baptista não mostrava sinais de lhe querer "dar trabalho". A razão era simples, e o padre não a escondeu ao Abílio: "No fundo, o que tu queres é ser padre!" O baque foi súbito; soltou-se imediatamente uma bateria de interrogações em torno do "será que (ainda) é possível?". No entanto, a questão terminou numa exclamação: "Então, vamos tratar disso!"

O certo é que a ideia não nasceu aos 49 anos enquanto se dispunha a varrer a igreja. Era ainda um rapazote de 9 anos (na altura no 3º ano da primária) quando a ideia lhe trovejou no coração. Mas foram necessários 40 anos para que o "sim" assomasse. Diz ele: "Foi a minha travessia do deserto...". Percorridos esses arenosos anos, o Abílio encontrou D. Manuel Clemente que depressa lhe recomendou quatro tarefas: a) tirar o curso de teologia; b) trabalhar numa paróquia (a indicada foi Santo António do Estoril, com o padre Armindo Garcia); c) acompanhamento espiritual; d)iniciar um processo do foro eclesiástico. Cumpridas as tarefas, o Abílio atravessou as portas do seminário e veio viver connosco.

A sua Comunidade

Ao que agora chamamos paróquia da Parede fazia parte da paróquia de S. Domingos de Rana. No dia 5 de Fevereiro de 1956 o padre José Baptista

veio para a Parede preparar a paróquia que foi fundada no dia 1 de Novembro de 1956. A Igreja paroquial já tinha sido dedicada em 1 de Março de 1953.

A paróquia conta com as Equipas de Nossa Senhora (que foram fundadas pelo padre José Baptista), os Cursilhos de Cristandade, o agrupamento de Escuteiros, a Catequese paroquial, o grupo de Jovens, o grupo de acólitos, os grupos corais, as comunidades vicentinas, uns grupos da Acção Católica Independente (ACI). E têm agora em mãos o projecto da construção de uma nova Igreja.

No que respeita a vocações de especial consagração sabe-se do padre Carlos José dos padres da Santa Cruz e uma irmã doroteia. Em formação, está o Paulo no Seminário de São José de Caparide.

Um testemunho pessoal

Foram dois anos; anos em formato de noite. Noite purificadora da memória das motivações e dos desejos. Noite em que aprendi a acolher o amor de Jesus Cristo que é o mesmo amor do Pai.

Um amor que fui descobrindo e experimentando à medida que me descentrei de mim, que aprendi a esquecer-me de mim, à medida que reorientei a minha atenção e o meu olhar na direcção do outro.

Eu, seminarista mais velho, muito devo aos ensinamentos que recebi dos mais novos. Por isso, mas principalmente porque recebo cada um como irmão, dou graças a Deus Pai que me concedeu este tempo fértil

de morte, para viver uma vida abundante prometida por Cristo Jesus ressuscitado.

Foi aqui, neste e não noutro Seminário que aprendi a morrer para viver e dar fruto, como o grão de trigo lançado à terra. Para este Seminário que eu sinto meu, peço a protecção do Senhor.

O MEU *MAGNIFICAT*

Avé Maria!
Mãe de Deus,
Mãe da Igreja e minha Mãe.
Senhora minha,
Meu amparo e minha protecção.
Cheia de graça, serva e humilde, unida a teu Filho
Intercede por mim junto do Pai,
Para que à tua semelhança, eu saiba acolher o Espírito Santo,
Com filial bondade, e como tu dizer:
Fortalece-me, Senhor, com o teu Amor,
E que em mim se cumpra, hoje e sempre, a Tua vontade.
Amen!



ANTÓNIO ESTÊVÃO

A Pessoa

Ouvir até que as palavras nasçam

Antes de nascer, o Estêvão pôs-se à escuta. Não por bisbilhotice ou por qualquer coisa quejanda, não. Fê-lo porque, descobriu que só merecem ser ditas as palavras que se soltam da escuta. Não me custa, por isso, crer que, enquanto à sua volta mãe, enfermeiras e demais presentes se angustiavam por

lhe não ouvir o choro, ele, silencioso, aguardava por aquele "grito meditado"... Tudo isto (para aligeirarmos o discurso antes que o prezado leitor, temendo ter trocado as "biografias" por um tratado "mal-amanhado" de "pedopsicologia", feche a revista!) para dizer que o nosso António sabe escutar!

Porém, isto não significa que ele seja "parado". Longe disso. Desde pequeno que é activo. Afinal, nasceu no elevador do Hospital do Funchal, às 18h45 do dia 22 de Março de 1983. Ele, o mais novo de 4 filhos, teve uma vida semelhante à de tantos: gostava de jogar à bola; ia às aulas; andou na catequese; ajudava os pais nas tarefas da agricultura. A sua família (marcada pela proximidade dos avós) foi, também, semelhante a tantas outras: sorridente no testemunho de vida e de fé; chorosa nos problemas que sempre assolam (e vezes há que os problemas se nos escorregam pela garganta inundando-nos a consciência de torpor...).

"O que vimos e ouvimos" levou-nos a dizer "sim"

Tinha ainda poucos palmos de vida (contava, talvez, 4 anos) quando, ao ver um padre dehoniano celebrar uma missa em casa dos seus avós maternos, dele amigos, se viu beliscado pela ideia do "Quero ser assim!".

Anos depois, o padre Mendonça (actual prior do Victor Gonçalves), vendo-o já acólito, lançou-lhe o desafio: "Acho que devias participar no Pré". Daí até ao seminário, foi um pulo.

Ali, durante os três anos do ciclo preparatório, ficou profundamente marcado pela descoberta de um novo tipo de relacionamento, mais profundo

(mas nem por isso menos sorridente e galhofeiro), tanto com a "malta do seminário" como com os colegas da escola. O facto de estar num ambiente diferente daquele que encontrava em casa foi desafiante.

Se os anos anteriores lhe propuseram a construção de relações mais profundas, o secundário (na APEL) trouxe, contudo, novas experiências de amizade, ao mesmo tempo que pôde aprender a conhecer e a amar o seminário, fruto do testemunho de amizade e confiança dado pela equipa formadora e pelos colegas, o que seria decisivo para enfrentar e superar «o que estava para vir».

Ao finalizar o secundário, e preparando-se para «entrar na teologia», aquilo que parecia ser o caminho certo, o "sim" já consolidado, sofreu um abalo. Foi nesse momento que se sentiu chamado «verdadeiramente a ver e a ouvir» na sua «história a voz d'Aquele» que o chamou. Quando aqueles nove anos de caminho pareciam desabar, escutou uma das tantas vozes amigas que sempre o têm acompanhado: «Sei que és feliz nesse caminho e quero que sigas em frente!». Por fim, a experiência da radicalidade do chamamento resultou num "sim" aventureiro, fortalecido depois daquele momento de dificuldade. Realmente, «Deus falou ali; Cristo voltou a chamar-me, e eu entreguei-me completamente».

Quando, finalmente, começou a estudar teologia, já na faculdade, sentiu um primeiro (mas normal) embate: as matérias, exigentes, reclamavam por um empenho diferente. Não fora a "família recém-descoberta" no seminário e aquelas oscilações teriam dado bastante mais trabalho a superar... O grande confronto, porém, deu-se à chegada ao

Seminário dos Olivais. Tudo lhe parecia estranho. De facto, "talvez tenha sido mais estranha esta mudança que aquela dada aos doze anos" (quando entrou no seminário menor). Assim, o primeiro mês foi de uma violenta deriva, acalmada pelos amigos do seu ano no seminário a par do discreto mas sempre atento cónego Carlos, «amigo e director espiritual desde o primeiro dia de seminário».

Na fase final, incomparavelmente mais tranquila, foram importantes os testemunhos dos colegas de seminário, que tanto o animaram para que desse este "sim". Por outro lado, a sua comunidade paroquial (Campanário, «a família mais alargada»), a par daquelas onde trabalhou (Ramalhal, Maxial, Cabeça-Gorda, Outeiro da Cabeça, Campelos, Marteleira, Milharado, Vila-Franca do Rosário, Gradil, S. João de Deus) foram para ele, nos padres como nas muitas pessoas com quem se cruzou, ocasião de "escutar" o mesmo desafio de seguimento.

Como se vê, no nosso António as "razões" do "sim" estão gravadas nos encontros com os outros; encontros tantas vezes atribulados, mas sempre enriquecedores. Escutar os outros para "ouvir Outrem"...

Como reagiram os outros

A família, embora achando que esta aventura "era sol de pouca dura", que "se desvaneceria ao fim de um par de anos", reagiu bem. Mal sabiam que também eles seriam *espicaçados* para uma vida nova...

Os amigos, que inicialmente "nunca acreditaram que chegasse a padre" agora, ao vê-lo já diácono, pedem-lhe "que baptize os filhos"...

Claro está que houve confrontos. Mas, curiosamente, foram esses

"debates" que o ajudaram a descobrir profundamente o "segredo" daquilo a que estava a ser chamado. Quantas vezes não foram os amigos, na exigência de uma relação constante, que com o seu "És seminarista: porta-te como tal!"o desafiaram a ser mais "António"?

A sua Comunidade

Não podemos determinar com precisão a criação da paróquia do Campanário, mas é anterior a 1556 porque é referida em alvará régio de 28 de Agosto do mesmo ano. A actual igreja foi edificada em 1963, em substituição da anterior que no frontespício tinha a data de 1683, talvez a data de sua reconstrução.

Neste momento o seu pároco é o padre Adelino Macedo Costa. No que respeita a estruturas e organismos pastorais são de salientar as confrarias do Santíssimo Sacramento e de São Brás; a par focamos as equipas de Nossa Senhora, os jovens marianos vicentinos, o grupo de oração pelas vocações, e a catequese paroquial.

Em termos vocacionais os últimos padres ordenados naturais desta paróquia são o padre Marcos Pinto (diocesano) e o padre José Diomário (dehoniano).

Um testemunho pessoal

Fala quem ouviu

"Vinde e Vede: É o Senhor"

Gravou-se-me na memória o desafio de Jesus aos discípulos "Vinde e vede", que ouvi nas primeiras horas de Seminário. Longe estava de perceber o seu alcance. Seminário caminho de "saídas" da família, do lar, das minhas certezas e seguranças, da minha vontade... caminho de vislumbramento d'Aquele que um dia me olhou e continuamente chamou e chama naqueles com quem é tecida a história de Cristo comigo! Àqueles, como Pedro a João, e a multidão ao centurião frente à radicalidade da Cruz, ouvi a certeza de Cristo na sua vida: "É o Senhor". A Este escutei, me agarrei e entreguei a minha vida e história até "beber do Seu cálice" num caminho de configuração à Sua cruz, expressão plena do seu amor pelo rebanho que lhe foi confiado, que sou chamado a actualizar continuamente. Louvado seja Deus que é a força na fragilidade deste Seu servo chamado ao seu serviço.

O MEU *MAGNIFICAT*

Eu Te bendigo Senhor do Céu e da Terra pelo dom da vida e da vocação a que Me chamaste! Pelo caminho que fizeste comigo na história da minha família. Por seres O meu mestre nos formadores dos seminários, o Senhor que acalma as "tempestades" nos directores espirituais. Pastor que chama à compaixão nos bispos, padres, diáconos e comunidades, onde e com quem aprendi a docilidade e o amor de pastor. Eu te bendigo por todos aqueles que como o centurião me testemunharam que "Tu és verdadeiramente o Filho de Deus", por aqueles que na sua oração e nos seus bens foram continuamente Tua presença discreta e atenta. Eu Te bendigo por fazeres da minha fragilidade sinal do teu amor crucificado pelo mundo. Amen.



DANIEL ALMEIDA

A Pessoa

A vida antes do seminário

O Verão ia já longo quando, a 31 de Agosto de 1983, no americaníssimo estado de Nova Iorque, o Daniel espreitou o mundo, por entre o choro da primeira lufada de ar. Mas se esse momento inaugurou a sua *presença exterior*,

outro houve, corridos alguns dias (estava-se, então, a 23 de Outubro), em que ele foi mergulhado, pelo baptismo, numa outra Presença (*sempre Maior*, mais *íntima* que as *entranhas*, mais *Outra* que toda a distância).

Como o pai, (um daqueles portugueses que o são não apenas de certidão, mas de sangue e de sonhos, por inteiro), estivesse cansado da saudade do seu Portugal (tal o afastamento de quase 6 anos), a família regressou. Pouco tempo depois, agora já na Marquiteira, quando o Daniel contava com os seus três anos nasceu a sua irmã.

Daí a algum tempo Daniel começou a dar nome aos rabiscos, na Escola Primária, e foi aprendendo histórias e nomes que compõem o mosaico da fé, na catequese. Nesta altura, os amigos, por entre brincadeiras, convidaram-no para o grupo de acólitos. A verdade é que, não obstante o facto de ser neto e sobrinho de sacristães e filho de sineiro, nunca esteve *inclinado* para "essas coisas". Mas, embora relutante, menos por preguiça que por timidez, aceitou.

O seu percurso como gente (e, sobretudo, como "gente em Cristo") levou-o ao crisma. Curiosamente, no Daniel (como, de resto, nas coisas importantes da vida), a força dos acontecimentos antecedeu o esforço das palavras, pelo que ele foi *ungido* na *força* do Espírito um mês antes da *profissão de fé*... Como *prova* da sua maturidade da fé (embora fosse ainda um rapazote de 13 anos), aventurou-se num intercâmbio escolar em França onde foi acolhido por um correspondente que, pouco certo da sua fé católica, se tornou um desafio à fé do Daniel.

Terminado o 9º ano frequentou a Escola Profissional de Hotelaria, no Estoril. Na sua família descobriu tanto o sabor da oração (no terço e nas orações comunitárias) como o aroma do trabalho (com os pais, com quem

trabalhava no campo, para "aprender o que custa" viver). Afinal, gostar custa; viver, também. A família foi, também, lugar de respeito pela liberdade e de apelo à responsabilidade.

Como cresceu a questão vocacional

Mas, como é que se deu o "amanhecer" da questão vocacional? O que levou o Daniel a perguntar-se: "Qual é a vontade de Deus a meu respeito?"

Para ele, tudo começou com o despertar da sensibilidade acerca de Jesus. O "querer ver Jesus" foi crescendo no Daniel desde logo com o testemunho dos catequistas (sobretudo de uma tia e da sua primeira catequista – uma mulher marcada pelas rugas da vida, mas com uma perseverança notável). Aí pôde descobrir "rostos concretos" que o ajudaram a vislumbrar Aquele Rosto. Outro aspecto importante do seu "itinerário de escuta" foi a integração no grupo de acólitos. A verdade é que, quando foi convidado pela primeira vez, recuscu. O altar parecia-lhe uma "coisa distante", um lugar reservado ao padre e aos acólitos (que "ficavam lá em cima"). Assim sendo, não era qualquer um – pensava ele – que se podia aproximar dele, não. Acolitar junto do altar "era para pessoas melhores" do que ele. O nosso Daniel achava-se pequenino demais para uma tarefa tão grande... No entanto, os amigos teimaram tanto ou tão pouco que ele acabou por anuir. Aquela experiência no grupo de acólitos fê-lo sentir-se "próximo de Jesus". Além disso, o Daniel recorda que o hábito do "silêncio (ou, pelo menos, da menor agitação) antes da celebração" convidava a "malta a serenar", a "criar ambiente" para a oração. Para lá da oração, o grupo também lhe trouxe os sempre desejados "jogos da bola".

Aos 13 anos começaram as interpelações. No final da dedicação de uma

igreja, o Cardeal Ribeiro, reunido com os acólitos, lançou a provocação: "Quem, daqui, quer ser padre?". Daí a pouco, o seminarista Gianfranco convidou-o, pela primeira vez, a entrar no pré-seminário. Porém, nem ele nem os colegas acólitos aceitaram, pensando: "Pré(-seminário), seminário, padre... Claro que não!!!". Seguiram-se cartas insistentes do então seminarista, a convidá-lo a participar nos encontros, mas ele, resistente, persistiu no "não". Como a "teimosia" da equipa o inquietasse, decidiu-se a participar num Campanário de Verão (trata-se de um "campo de férias vocacional" que se repete todos os verões no seminário diocesano de Penafirme), a ver se com isso finalmente se "livrava" da questão... Contudo, aquele Campanário nas férias de Verão do 8º para o 9º ano marcou-o. Por um lado, teve oportunidade de conhecer "gente de todo o lado" (nomeadamente o Marcelo, que veio a ser – e continua a sê-lo – seu colega de seminário), o que o fez aperceber-se da "grandeza da Igreja", afinal bem maior que a sua paróquia. Por outro, ficou "marcado pelo ambiente de oração". No final daquele encontro, foi convidado pelo padre Mário Rui a integrar o Pré, mas voltou a recusar. De facto, o Daniel foi-se especializando na "fuga" ao Pré... Uma vez, lembra, estava ele com o pai quando, apercebendo-se da carrinha do Pré que o vinha procurar, decidiu esconder-se. Mais tarde, escreveu dizendo que não "valia a pena" a insistência: ele não estava interessado.

Algum tempo depois, uma catequista *agarrou nele* e levou-o à ordenação daquele que viria a trabalhar na equipa pastoral responsável pela sua paróquia (entre outras): o padre Nelson. Este padre teve nele uma enorme influência. Por uma parte, criou um grupo de jovens (cujos encontros semanais terminavam com um tempo de oração junto do sacrário) "que marcou toda aquela malta", e que desde já mostrou grandes frutos vocacionais

(um casal, duas irmãs contemplativas, o Daniel, quase padre, a par de um leigo empenhadíssimo na comunidade, agora responsável pela catequese, e as persistentes e fiéis animadoras que continuam a garantir o grupo). Por outra parte, o padre Nelson teve a iniciativa de celebrar todo o Tríduo Pascal na paróquia, naquela que foi a primeira oportunidade que o Daniel teve de participar nessas celebrações. O testemunho da presença do padre e a fidelidade dos animadores do grupo de jovens tocavam-no. Porém, essa inquietação ainda não fora suficiente para que ele perdesse o medo provocado pela consciência da sua pequenez, de tal modo que recusou o convite do padre Nelson (de quem admirava a confiança no Senhor) para que entrasse no seminário menor.

Também o contexto da sua formação na Escola Profissional de Hotelaria, no Estoril, foi importante para a "fermentação" da questão vocacional. Ali, a sua condição de "crismado de fresco" foi posta à prova. Se as catequeses de preparação (com o refrão insistente do pregador a propósito da importância do sacramento: "um soldado de Cristo (assim seria o crismado) deve defendê-l'O") o entusiasmaram bastante – a ponto de ele mesmo sentir a necessidade de dar testemunho como catequista –, foi o contacto com um colega (que com ele fora crismado, mas que dava um fraco testemunho da fé...) na Escola que fez ressurgir nele a questão vocacional. Assim, aproximou-se do padre Pedro para partilhar a sua inquietação, e este sugeriu que falasse com o padre José Miguel. Nessas conversas, o Daniel desfiava um logo rol de razões para não ser padre... Nele ecoava, acima de tudo, a questão do "como posso ser cristão no meu trabalho?". Todavia, apesar das suas inúmeras "razões", acabou por arriscar o Pré-seminário. Estava no 11º ano.

Se o ano da chegada do padre Nelson fora "cheio", este, então, nem se

fala... A experiência do Pré era muito "sumarenta", tanto pelo contacto com os colegas como pelo testemunho dos animadores (sobretudo o – agora padre – Nuno Coelho). Para culminar, nesse Verão de 2000 foi a Roma, onde conheceu rapazes (João Sobreiro, Carlos Silva, ambos ordenados padres no passado ano 2007) que se preparavam para entrar no seminário. Este "condensado" de "pro-vocações" fez com que, interiormente, se desmoronassem os seus muitos medos, para dar espaço ao seu "sim". O 12º ano foi, então, o tempo da "mastigação" da resposta, com a ajuda do Pré (onde pôde "perder os medos" e sentir o entusiasmo por uma "vida cristã").

Das reacções à sua decisão

A família reagiu bem, genericamente. O pai, inicialmente, preocupou-se com a mensalidade do seminário. Afinal, a família não teria como suportar aquele gasto e, naturalmente, isso constitui uma interrogação para os pais. Porém, essa questão rapidamente ficou resolvida: para além de duas das suas catequistas se terem disponibilizado para responder a este problema, a própria diocese também se mostra disponível para garantir os estudos sem contrapartidas àqueles candidatos que não têm como fazê-lo. Porém, o pai advertiu-o: "Entras, mas é para seres um bom padre, senão vem-te embora!" A mãe tinha outros sonhos para o filho, mas, nunca se lhe opôs. O tio, sacristão, curiosamente não acreditava muito que ele pudesse "chegar a padre". Dizia: "padre?! Seminário?! Talvez diácono permanente...". Os amigos, esses, reagiram muito bem embora, claro está, com perguntas.

A catequista que o *agarrou* para o levar à ordenação parecia ser a única que esperava por aquela decisão. "Eu sempre pensei que tu darias um bom padre, quiseste ir estudar... mas acabaste por chegar lá!"

A sua Comunidade

A origem da população e da devoção a Santa Bárbara já existia com uma confraria, à volta da sua capela, no principio do séc. XVII, fazendo parte da paróquia da Lourinhã. Entretanto como paróquia estruturada veio a concretizar-se em 1952 com a criação da Freguesia. A devoção à padroeira Santa Bárbara ainda continua muito viva e por isso também a necessidade de uma Igreja maior que foi dedicada no ano de 1961. Esta devoção continua viva devido aos muitos associados da Confraria de Santa Bárbara (cerca de 15000).

O primeiro pároco, o que criou a paróquia a 4 de Dezembro de 1952 foi o padre Marcelino que, por sua vez, promoveu a construção da nova Igreja Paroquial. Depois do padre Rogério chegou o padre Luís da Costa que reanimou a Confraria de Santa Bárbara. O actual pároco é o padre Joaquim Batalha que tomou posse no ano de 1997.

Alguns dos dinamismos e estruturas pastorais são o grupo de jovens, o grupo de acólitos, catequese, grupos de oração (mês de Maria, mês do Coração de Jesus, o mês do Rosário, o mês das Almas); Pastoral Vocacional; obras missionárias, como a LIAM e a Acção Missionária; e as iniciativas promovidas pelo pároco como por exemplo: jornadas e congresso interparoquial sobre o Domingo no ano 2000; um congresso Eucarístico no ano pastoral de 2004/2005; a visita da Imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima no ano seguinte e a escola parequial que começou este ano e que terá um tema por ano.

Em termos vocacionais a paróquia tem um padre franciscano, o frei

Alexandre Henriques Jorge (OFM) e duas religiosas: irmã Magda Maria da Cruz e a irmã Helena do Espírito Santo ambas professas na ordem da Imaculada Conceição (concepcionistas).

Um testemunho pessoal

O seminário visto na primeira pessoa

É aqui que vamos aprofundando as raízes da nossa vida cristã: no encontro com Cristo e na obediência à Sua vontade, para depois virmos a dar fruto bom e abundante na vida daqueles a quem somos chamados a servir no ministério sacerdotal.

O meu *Magnificat*

> A minha alma glorifica o Senhor porque pôs os olhos na pobreza do seu servo. Todo o meu ser bendiz o Seu nome Santo, porque têm sido grandes as suas maravilhas. Como sois grande em toda a terra Senhor nosso Deus! Vós me fazeis caminhar nas Vossas veredas. Eu Vos bendigo ó Pai por me conduzirdes insistentemente na Vossa vontade pelas mãos dos meus pais, família, amigos, catequistas e padres que têm sido para mim sinais da Vossa presença. Só em Vós descansa a minha alma porque sois o meu abrigo, o meu refúgio seguro, a minha herança na terra dos vivos. Amen.



ÉLIO GOMES

A Pessoa

Dar corpo às palavras

Habitualmente, as crianças ensaiam os passos antes de se cansarem com discursos. O Élio, contudo, nasceu já com histórias para contar. Por isso, o dia 21 de Outubro de 1977 surpreendeu toda a gente excepto o próprio, que há tempos congeminava o feito. Precoce como era, cresceu sem dificuldades

de maior, acalentando desde cedo o gosto tanto pela história como pela vida militar. O interesse pela história cresceu nele à medida que foi ouvindo a lenda da aparição de Nossa Senhora que está na origem da sua paróquia. Um tio-avô que desfiava histórias a cada respiro, a par da sua natural curiosidade face aos "*comos* e *porquês*", fez com que gostasse cada vez mais de "ir à procura" dos detalhes. Havia, ainda, a sempre apetitosa "história dos reis" a acenar-lhe coisas que contar, cheias de "datas" a investigar (e, nisto, os professores foram determinantes para que se sentisse estimulado pelo *tempo da memória*). Já o gosto pela vida militar prendia-se sobretudo com *preocupações formais*: responsabilidade; integridade; verticalidade; enfim, o aprumo que, em última instância, se sintetizava no próprio "rigor da farda". Para além destes *interesses transversais*, o Élio gostava, também, de jogar futebol, basquetebol, voleibol e andebol (estes últimos muito em voga no colégio onde estudara).

A família, profundamente cristã, também o marcou. Aos 13 anos, porém, foi surpreendido pela morte do pai. Vivendo próximo da igreja paroquial (a uns escassos 5 minutos), depressa a tomando como *extensão natural* da sua casa (a avaliar pelo tempo que ali passava). Assim, ainda não tinham decorrido 2 meses após a primeira comunhão e já acolitava. A verdade é que o pároco exercia nele uma grande influência. "O meu pároco, diz ele, era um homem bom, daqueles de quem uma pessoa quer seguir o exemplo". Para lá desse seu desejo de "seguir o exemplo dos mais velhos" (sobretudo do padre), havia também o grupo de amigos, acólitos, que o bombardeavam com mil e tantas razões para que entrasse no grupo. Afinal, como acólito ele "ficava num sítio diferente de onde podia ver as pessoas de frente". Cedo se dedicou à vida da paróquia: acolitava; ajudava na sacristia; a dado momento começou a dar catequese.

Quanto às "andanças estudantis", o nosso Élio começou por estudar no Colégio (particular) do Infante, a cargo dos Sacerdotes do Coração de Jesus (ou padres dehonianos). A partir do 8º ano passou a frequentar uma escola pública, acabando por ingressar na APEL, onde completou o secundário. Nesta fase havia que decidir o futuro. Seria ele um "compulsivo contador de histórias", investigador dos "meandros da memória"? ou, pelo contrário, seria o rigor disciplinado da vida militar a revesti-lo? O testemunho de um dos seus 4 irmãos, que havia cumprido o serviço militar, fê-lo optar pela "farda", coisa que a muitos surpreendeu. O pároco, ao saber da sua decisão, afiançou-lhe: "Bom, havia outra possibilidade...". O certo é que aqueles 8 meses resultaram num período de grande aprendizagem (de disciplina e de sentido de autonomia), sobretudo pelo encontro com os demais.

Quando um conversador suspende o discurso num "sim"

Das inúmeras coisas que, decerto, haveria para contar acerca das "razões do seu sim", o Élio destacou as que agora nos esforçaremos por expor, com a vivacidade que nele sempre têm as pequenas e grandes histórias.

"Oficialmente", foi enquanto estava na APEL que, pela primeira vez, teve contacto com o Pré-seminário. Porém, "intimamente", a questão começara antes disso. O testemunho do pároco para quem a doença não era obstáculo para uma entusiasta envolvência na comunidade foi "a pedra de toque". Aquele homem que "falava com as pessoas, que ia ao café, que era padre não apenas no altar mas em toda a parte" tocou-o onde só chegam as coisas que importam, esse lugar silêncio onde se joga o *quem* e o *para quê* de nós mesmos. A entrada no Pré serviu, porém, para se aperceber do "vazio" face "ao

pouco interesse das outras coisas que fazia, que não tinham grande finalidade", o padre Romão, falecido em Agosto de 2006 "foi um grande amigo que desde sempre me acompanhou em todas as caminhadas", diz-nos o Élio.

A tropa, enriquecedora em tantos aspectos, afastou-o, porém, daquela profundidade de vida que tinha em Igreja. Rezava cada vez menos, ia à missa de quando em vez. E o vazio crescia...

Enquanto catequista dos "mais velhos", procurava despertar neles o interesse pela vocação. Falava-lhes com tanto entusiasmo que eles, tocados, o olhavam de forma diferente. A pouco e pouco, foi-lhe mordendo no íntimo uma questão: "Ando para aqui a falar-lhes de vocação, digo-lhes e repito que devem estar atentos ao Senhor, mas, e eu? Estou atento a Ele? Que resposta é que Lhe dou?". A família já ia dizendo "Tens que fazer o que gostas". O facto de "passar dias inteiros na igreja", como dizia a mãe, certamente indicava alguma coisa... Daquilo que ele gostava, realmente, que o alegrava como nenhuma outra coisa, era "rezar e estar com as pessoas".

Uma vez mais, foi o pároco quem, vendo-o "rigorosamente fardado" mas nem por isso "atinado na fé", o incentivou para que participasse na festa da paróquia com uma alegria e uma intensidade renovadas. Aí, no calor da festa, sentiu como que um murro seco no estômago. "Afinal, como pode uma imagem de Nossa Senhora, tão pequena, mover tanta gente?". À vista desse "excesso" que arrastava tanta gente, tudo o mais, por "regado que fosse" de galhofa, era-lhe insignificante. Então, pensou: "Posso fazer algo melhor!"

Também nestes últimos tempos o testemunho pessoal do seu actual pároco, o Pe Vítor Reis Gomes, foi uma garantia e uma presença de Deus, pois já o conhecia do seminário e já tinha sido seu professor.

O que disseram os outros

Inicialmente, a ideia de "ser padre" parecia "canja"! As próprias pessoas já comentavam: "O Élio (ou, muitas vezes, "o rapaz da igreja", como era conhecido por muita daquela gente) ainda vai para padre!". Intuitivamente, as pessoas associavam-no à ideia de "ser padre". Os seus gestos "falavam por si", pelo que ninguém estranhou. Porém, à medida que o tempo foi passando, foi tomando conta da grande responsabilidade que tal implicava.

A sua Comunidade

A paróquia do Monte, na cidade do Funchal, dedicada a Nossa Senhora do Monte foi criada a 9 de Fevereiro de 1565. Na altura da sua criação havia já uma capela dedicada a Nossa Senhora da Encarnação. Destruída esta capela foi construída uma nova Igreja paroquial dedicada no ano de 1747 que caiu no ano seguinte devido a um terramoto. Assim, a Igreja actual foi consagrada a 20 de Dezembro de 1818. O actual pároco é o padre Vitor Reis Gomes que sucedeu em Outubro de 2006 ao padre Romão Aveiro, falecido num acidente de viação.

Entre os serviços e movimentos salientam-se as duas confrarias (Nossa Senhora do Monte e Santíssimo Sacramento), uma conferência Vicentina e alguns grupos marianos de oração. Quanto à história vocacional da paróquia, nos tempos mais recentes foram ordenados um padre dehoniano e um outro diocesano.

UM TESTEMUNHO PESSOAL

Olho com gratidão para esta caminhada que me leva ao serviço do Senhor ao lado dos meus colegas. Nesta comunidade o Senhor foi moldando o meu coração para amar o seu povo com o seu próprio amor. A minha experiência de Seminário leva-me a fazer parte desse mesmo projecto de Deus, a estar atento aos sinais do Senhor nos outros, a olhar para a minha vida, dando graças ao Senhor e a dizer como Maria: "faça-se em mim segundo a tua Palavra" (Lc 1,38). Só através desta entrega nas mãos do Senhor poderei encontrar firmeza e construir a minha " casa" sobre a rocha.

O MEU *MAGNIFICAT*

A minha alma glorifica ao Senhor que faz mergulhar no meu ser o Seu Olhar.
Glorifico ao Senhor pela minha vocação, pela minha caminhada.
O meu magnificat é pela misericórdia de Deus para comigo
Dando-me o Seu perdão, e a Sua presença todos os dias nos outros que caminham comigo.
Glorifico ao Senhor e peço-lhe que guarde sempre o meu coração.
Glória seja dada
à Santíssima Trindade
por todo o sempre,
Amen.



JOÃO VERGAMOTA

A Pessoa

Nascer e crescer pragmaticamente

Habitualmente, ao nascer, as crianças soltam o primeiro brado de vida sem que, no entanto, o premeditem senão na sofreguidão de respirar. Gritam porque "tem mesmo de ser". Já o João gritou com uma mão-cheia

de boas razões: a) queria viver; b) queria dialogar acalorada e apaixonadamente; c) queria deixar bem claro que não era passivamente que rompia com o calor materno para chegar a outra temperatura, decerto menos aconchegada. "Pensar organizadamente para viver intensamente" é uma máxima que podia traduzir a sua forma de ser. Assim, o mundo viu-o despontar a 19 de Abril de 1982, em Lisboa. Meses depois, a 22 de Agosto, era baptizado na paróquia da Sagrada Família do Entroncamento.

A sua vida foi crescendo em torno de alguns binómios. Em primeiro lugar, o binómio **cidade-campo**. Vivia em Lisboa com a família, mas ao fim-de-semana gozava da planura do Ribatejo, que lhe permitia calcorrear o chão tanto de bicicleta como a cavalo. Em segundo lugar, o binómio **agitação-tranquilidade**. Por um lado, a agitação da cidade, com as luzes da noite (dos bares e discotecas que volta-e-meia frequentava com alguns amigos); por outro, a brandura dos livros, que sempre preferiu à televisão, a par da serenidade dos passeios por entre o pó quente da terra. Outro binómio importante foi, certamente, o da **proximidade-distância** da família alargada que continua no Ribatejo. Sendo alegre, o ambiente familiar permitiu-lhe despertar para os sorrisos. Porém, a proximidade dos pais, que sempre o acompanharam, não impediu, mas antes promoveu inúmeras experiências (saídas, passeios, viagens, ...). Realmente, a verdadeira proximidade não prende, mas liberta.

É fácil vê-lo, então, na azáfama semanal de Lisboa, entre aulas "de secretária" e classes "de esporas" (nas lições semanais de equitação), entre idas ao cinema e encontros que se espraiavam pela noite fora. A família (pais e irmã) sempre calorosamente presente, tanto ali como na sua dilecta Golegã. Quanto à vida cristã, não havia domingo sem missa!

Quando surgem as dúvidas

Pragmaticamente, o nosso João aponta-nos, certeiro, aquilo que o levou a pôr em questão o seu sonho (que acalentava desde pequeno) de vir a ser veterinário. Por um lado, foi determinante a preparação que teve para o Crisma no Colégio de Santa Doroteia, sobretudo pelo forte testemunho do seu catequista de então, Lourenço Tourais. Nesse contexto de preparação participou num retiro organizado pelas irmãs Doroteias. Veio de lá abalado... Esse abanão foi sendo digerido com a ajuda do padre António Pedro Boto de Oliveira, capelão do colégio onde estudava, e do Pré-Seminário, que passou a acompanhá-lo depois do Crisma. Dessa digestão de dois anos resultou a decisão: "Vou entrar para o seminário!". É claro que o trabalho vocacional já vinha de trás, pois como ele diz «só mais tarde percebi como Deus me foi conduzindo silenciosamente através dos pais, da família e do exemplo quotidiano das irmãs lá do colégio».

A família "reagiu bem, com a dificuldade própria de quem vê um filho partir de casa". Os amigos, por sua parte, reagiram muito bem, mesmo os que "não eram cristãos"! Muitos continuam a acompanhá-lo neste caminho, e constituem uma ajuda muito importante.

As suas Comunidades

A Paróquia de Cristo- Rei da Portela foi criada em 1986, sucedendo ao Vicariato Paroquial que existia desde 1977. A Igreja paroquial só viria a ser dedicada no dia 15 de Novembro de 1992. Até então a paróquia utilizara

instalações do palácio dos Olivais (actualmente Casa Patriarcal) e do Seminário dos Olivais. O Cónego António Janela é o pároco desde 12 de Novembro de 2000, sucedendo ao Cónego João Rocha como quarto pároco. Além do pároco a equipa pastoral é constituída pelo padre Manuel Alegria, pelo Cónego Fulgêncio, pelo padre Vasco e pelos diáconos Alberto Castro Ferreira e José Paulo Romero, ambos provenientes da paróquia.

O funcionamento da comunidade está estruturado, possuindo um Conselho Pastoral cujo secretariado permanente assessoria o pároco, ajudando a conjugar a acção dos inúmeros movimentos e serviços das áreas da evangelização, da celebração da fé e da prática da caridade. Entre outros, salienta-se a catequese, o grupo de acolhimento, a Legião de Maria, o grupo de acólitos, os grupos corais, a conferência vicentina, os Jovens sem fronteiras, o grupo juvenil Ágape, o agrupamento de escuteiros, o Apostolado de oração, o Caminho Neo-catecumenal.

Em termos vocacionais, para além dos dois diáconos permanentes apresentados há pouco é de salientar que, desta paróquia foram ordenados o padre Pedro Boléo Tomé, do Opus Dei, em 2002, o padre Alexandre Palma no ano 2006, e o padre Carlos Silva no ano passado.

No entanto a experiência do João não foi feita apenas na Paróquia da Portela, mas também na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Golegã. Esta é uma vila ribatejana cuja antiguidade é atestada pelo foral que lhe deu D. Manuel I em 1520. É desta época a Igreja Matriz que se ergue no centro da vila, e que está classificada como monumento nacional. Este igreja, edificada em estilo manuelino segundo o traço de Diogo Boitaca, testemunha também a antiguidade da Paróquia, cuja data de fundação se perde na história. Dedicada

à Imaculada Conceição, é lá que se reúne habitualmente a comunidade cristã para a celebração da Missa Dominical. Para além da Igreja Matriz, na vila existem mais duas pequenas ermidas, a de Santo António e a de São João, e também a Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, do antigo hospital da Santa Casa da Misericórdia.

O pároco da Golegã é o padre António Júlio Ferreira dos Santos (ordenado a 18 de Outubro de 1998), que tomou posse no início deste ano Pastoral. Esta comunidade paroquial conta também com o ministério do Diácono Constantino Lopes, ordenado como diácono permanente a 7 de Maio de 2006 pelo Sr. D. Manuel Pelino Domingues, Bispo de Santarém.

Até hoje, a Paróquia da Golegã deu a Deus e à Igreja um sacerdote, o padre António Pinheiro, nascido em 1933 e baptizado na Matriz no ano seguinte. Ingressou na Congregação dos Salesianos de Dom Bosco, e foi ordenado em Évora a 30 de Junho de 1963. Faleceu em 1971. Com raízes familiares na Golegã, pelo lado paterno, existe também o padre José Alcobia, pároco de Santo Isidoro e Sobral da Abelheira, Patriarcado de Lisboa. Nasceu em 1934 e foi ordenado em 1957. Por fim, podemos referir o nome de dois irmãos padres (ambos já falecidos), naturais da Meia Via, mas com família na Golegã: o padre António Simões e o padre Guilherme Simões.

Um Testemunho pessoal

O Seminário tem sido para mim uma experiência de peregrinação! Uma comunidade que caminha no seguimento de Cristo, sem pressas,

deixando que a permanência e a fidelidade dêem os seus frutos. É uma peregrinação que tem as dificuldades próprias dos caminhos e a beleza que também oferecem, onde aprendi, com a ajuda de todos os que Deus põe nesta peregrinação, a agarrar o essencial e a aprofundar, cada dia que passa, a relação de amizade com Cristo.

O MEU *MAGNIFICAT*

«A minha alma glorifica ao Senhor» porque me chamou à vida e à fé numa família cristã, que sempre me tem acompanhado nesta caminhada, e também pela presença amiga das Irmãs Doroteias e das suas escolas na minha formação humana e cristã. A minha alma alegra-se por ver como o Senhor continua a realizar maravilhas em tantas e tantas pessoas que coloca no meu caminho e com as quais aprendo muito, porque me ensinam a ser servo! E agradeço ao Senhor todos quantos, com a sua oração e com a sua dedicada amizade, me têm sustentado no Seu seguimento. E por fim glorifico o Senhor pelo dom da vocação ao sacerdócio peço-lhe o que só Ele me pode dar: a graça da fidelidade e da entrega total em cada dia! Amen.



MARCELO BOITA

A Pessoa

Nascer à gargalhada

O Marcelo é daquelas pessoas que sempre riem. Há mesmo quem diga que o primeiro som que produziu ao nascer não foi o costumeiro choro, mas um risinho maroto de satisfação... Nasceu no dia 12 de Novembro de 1983, na Marinha

Grande, e foi registado na Benedita, e desde então tem sido um chinfrim de riso, como se vê, e sobretudo como se ouve.

O nosso petiz depressa fez amigos que sempre o rodearam no seu percurso (normal, tanto quanto nos é dado saber). No final do 6º ano da escola recebeu o convite da professora de EMRC (por sinal, uma prima) para participar numa actividade do Pré-seminário, o que, para ele, foi uma aventura. Afinal, tão pequeno e já a sair de casa (aos fins-de-semana, claro)! Como ele mostrasse sinais de querer continuar, foi convidado a ser pré-seminarista, com tudo o que daí resultava, a saber: teria que integrar o grupo de acólitos da paróquia (estava já no seu 8º ano), a par da catequese e da participação na missa. A roda-viva do Pré era-lhe tão cara que mal podia esperar pela carta que a equipa de animação enviava, a ponto de a mãe o provocar, dizendo: "Mas quando é que chega a carta do Pré?". Tamanho entusiasmo só podia dar em interrogação vocacional (mesmo que incipiente).

Percurso de um sorriso

Estava no 9º ano quando, num retiro no Linhó, o padre Mário Rui lhe lançou o desafio: "Queres entrar no seminário menor?". Os joelhos tremeram durante aqueles segundos que, se não me engano, terão sido os mais silenciosos na vida do Marcelo até então. Nele pairava uma questão: "Como reagirão os meus pais?". Contra os seus receios, os pais acolheram bem a hipótese, embora lhe dissessem: "Quando quiseres vir embora, telefona!". A verdade é que, fosse por o considerarem novo, fosse por não estarem à espera dessa hipótese, os seus pais não alimentavam grandes expectativas quanto àquela nova experiência do filho. De facto, não são apenas os filhos a entrar no seminário: com eles vai um magote de gente (mas sobretudo a família) que, à

distância, mergulha no mesmo silêncio do discernimento.

Assim, o 10º ano foi já passado no seminário menor, então em S. José de Caparide. Durante esse primeiro ano participou nas obras daquilo que, daí a um ano, viria a ser o Seminário de Nossa Senhora da Graça de Penafirme (ou seja, o novo seminário Menor). Os dois anos seguintes foram marcados por diversos acontecimentos (desde logo o crisma, no 11º ano), sempre num ambiente de enorme convivência que percorria o seminário e alastrava para o Externato contíguo. Se numa primeira fase havia alguma desconfiança face àquilo que seria o ambiente da escola entre os alunos "civis" e os "seminaristas", tal sombra depressa se desvaneceu, dando lugar a uma atmosfera de grande alegria (mesmo entre professores e alunos). O carácter "experimental" daquele "Penafirme inaugural" foi muito enriquecedor, e fê-lo sentir-se participante de uma realidade nova.

O contacto com os animadores e seminaristas e a convivência com os colegas tornaram mais claro o que era isso de "ser padre". Realmente, o Pré, mais do que a paróquia, foi para ele um lugar privilegiado de crescimento na fé. No seminário Menor foi crescendo como pessoa da cabeça aos pés, e, lentamente, a ideia de "ser padre" ia-se desmistificando.

O regresso a Caparide, entretanto convertida (a casa) em Seminário Maior para os primeiros 3 anos de formação (com uma índole vocacional vincada), trouxe consigo uma nova experiência: a criação do Ano Propedêutico (um género de "ano zero" no qual se pretende proporcionar uma forte experiência de fé nos seus diversos planos – oração, missão, compreensão cada vez mais rigorosa dos dados dessa mesma fé e contacto com diversos "rostos da Igreja" em várias paróquias).

Inicialmente, a ideia não lhe agradou. Como iria ser aquele ano sem aulas? Perderia o entusiasmo? O padre Álvaro foi peremptório na abordagem a estas interrogações: "O que é isso dos *ses*? A nossa vida é para arriscar toda, por inteiro! Se desanimares e saíres, saíste! Pronto! Mas tens que arriscar tudo, primeiro!". Uma vez mais, o Marcelo seria "cobaia" de uma nova experiência no seminário. O certo é que essa experiência, se mostrou muitíssimo interessante, tanto como escola de oração como pelas experiências de missão que lhes adivinhavam, a ele e aos colegas, "uma vida de missionários". Todavia, a ideia de "ser padre" não era, ainda, muito mais que uma miragem. Foi preciso o *chanão* do padre Ricardo Neves (vice-reitor do seminário), no final do ano seguinte, o primeiro da faculdade, para que ele acordasse para a descoberta das "razões do riso". "Então? – começou o ele – É para ser padre?". O último ano em Caparide teve então como refrão a pergunta: "Afinal, quero ou não isto?". A resposta foi: "Quero!"

Mas se porventura o meu caro leitor imagina que isto de dar respostas "com lastro para toda a vida" é tarefa de um dia isolado, desengane-se! Não há clarões que não denunciem sombras... A chegada, no ano seguinte, aos Olivais correspondeu à sua primeira grande trovoada. "Vou-me embora!", relampejou de si para consigo. Realmente, os primeiros dias foram-lhe muito difíceis. A casa não era fácil de domesticar... A recolecção (dia de oração em silêncio) ajudou a desconstruir os preconceitos em relação ao seminário. Afinal, as casas fazem-se com a "massa que somos"... e assim, fundamentalmente, a ideia de "ser padre" foi-se esclarecendo, tanto no Marcelo como nos seus familiares e amigos.

A sua Comunidade

A Benedita, situada na área dos Coutos de Alcobaça foi criada como freguesia a 20 de Dezembro de 1532 e como paróquia quatro anos depois 1536. Sendo outrora uma pequena aldeia possuía uma pequena igreja do século XIV sucessivamente ampliada e por fim substituída por uma nova igreja em 1955. O crescimento da população levou a que fosse elevada a vila em 1984. O seu pároco é o padre Armindo Elias dos Reis, desde Setembro de 2002. É vigário Paroquial o padre Jorge Manuel Louro Ribeiro Doutor e também nomeado para a Paróquia o Diácono José António Geraldes Freire.

Em termos de estruturas e dinamismos pastorais, a Paróquia tem as estruturas clássicas como o Conselho Pastoral, o Secretariado Permanente e o Conselho Económico. A Catequese tem um secretariado e reuniões quinzenais dos catequistas, por anos de catecismo, para preparação conjunta da catequese. Na Liturgia existem os serviços e ministérios litúrgicos normais de qualquer comunidade cristã. Na Pastoral Familiar, além do CPB e CPM tem a presença das Equipas de Nossa Senhora, do Encontro Matrimonial e do Movimento Esperança e Vida. Na área juvenil há o agrupamento de escuteiros e seis pequenos grupos de jovens. Na espiritualidade estão presentes movimentos como o Renovamento Carismático, o Caminho Neo-catecumenal e as Zeladoras da Imagem Peregrina. Na pastoral vocacional e missionária há o grupo de oração pelas vocações, a LIAM e as Zeladoras Franciscanas. No campo social, o Centro Social Paroquial, e Grupo de Voluntariado Social e a Santa Casa da Misericórdia. Na comunicação e cultura, o portal na

internet e a folha de informação semanal. A Paróquia está actualmente a construir um centro pastoral que responderá às necessidades de uma comunidade jovem que tem cerca de mil crianças e jovens na catequese.

No que respeita à história vocacional, a paróquia da Benedita deu à Igreja muitas vocações de consagração especial, sobretudo femininas, que no século passado chegaram quase à centena, dispersas por várias congregações religiosas. Teve também muitos seminaristas, sobretudo até abrir o Externato na freguesia. padres naturais da freguesia, também no século passado, terão sido quase duas dezenas, dos quais oito ainda vivem.

Um Testemunho pessoal

«Não há maior prova de amor do que dar a vida» (Cf. Jo, 15, 13)

Todo este caminho de seminário tem sido para mim um tempo de graça, de abertura à graça que excedeu e excede as minhas forças. Tem sido um contínuo escutar e contemplar o sorriso permanente de Deus no concreto da minha vida percebido na Sua infinita misericórdia, no Seu imenso amor derramado por cada homem. Tem sido um momento para, todos os dias, conformar a minha vida com a vida de Jesus, vida de entrega permanente, de serviço desprendido, de oração gratuita; deixando transformar o meu coração de pedra no coração do Pastor bom e extremoso. Vejo estes anos como um apaixonar-me cada vez mais por Jesus, uma paixão que não é fugaz mas que enraíza no essencial de uma entrega total de vida. Acima de tudo fiz a experiência de que Deus, na Sua grandeza e poder, não deixa de chamar homens e mulheres que se abram ao mistério do Seu amor e busquem a

santidade. Foi um tempo de descoberta constante, com avanços e recuos, com certezas e dúvidas, com palavras abundantes e com duros silêncios. Mas mesmo no silêncio fortaleceu-me a certeza de que Ele nunca me abandona porque nos muitos sofrimentos e dificuldades por que passei Ele nunca deixou de estar presente.

O MEU *MAGNIFICAT*

Eu vos dou graças Senhor porque na Vossa infinita bondade quisestes escolher este Vosso servo frágil e pecador. Vos dou graças por tantas maravilhas, por tantas pegadas Vossas gravadas na minha história.

Dou graças por tantas pessoas que me acompanharam, e marcaram, que foram a Vossa luz no meu caminhar, tantas vezes imerso, na escuridão. Sou Vosso, e por isso só posso dar graças por ter sido escolhido para esta missão de entregar a minha vida toda a Vós e por Vós aos outros. Ajudai-me a ser sempre fiel à Vossa palavra e ao Vosso chamamento a fim de que seja pastor solícito e disponível para aqueles que me vão ser confiados, à imagem do único Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas.

Eu vos glorifico pelo Vosso imenso poder, pela Vossa misericórdia sem limites. Convertei o meu coração e concedei-me a ousadia de apenas anunciar o Vosso Evangelho de conversão e alegria.



ROMUALDO CARBAJAL

A PESSOA

Romualdo Carbajal é peruano. Nasceu no Departamento de Cuzco, distrito de Ollantaytambo, a 7 de Fevereiro de 1961 e foi baptizado e crismado na paróquia de Santiago Apóstolo de Ollantaytambo. Filho de pais católicos,

é o quinto filho de nove irmãos, dos quais faleceram já uma irmã e dois irmãos. Tem, portanto, cinco irmãs.

Romualdo é um homem simples, disponível, atento às necessidades dos colegas, principalmente nos momentos difíceis. Embora um pouco introvertido, "lança-se" nas tarefas que lhe são propostas. Podemos dizer que é um lutador! Quando jovem, ainda no Peru, Romualdo terminou o ensino secundário e fez vários cursos técnicos de electrónica. Contudo nunca exerceu a profissão. Os trabalhos que teve não o satisfaziam. Experimentou o que é uma vida sem sentido, vivendo "escravo" de muitas coisas onde procurava a felicidade mas que não faziam mais do que aumentar esse vazio que sentia dentro de si. Namorou e pensou em casar, mas questionava-se se seria essa a vida que Deus queria para ele.

A entrada na Igreja através do Caminho Neo-catecumenal, no início dos anos 80, ajudou o Romualdo a encontrar um rumo para a sua vida: "Conheci o Caminho Neocatecumenal através de um cartaz na parede. Hoje posso dizer que aquele cartaz foi muito importante para mim, porque abriu um novo horizonte na minha vida". Foi às primeiras catequeses do "Caminho" e pouco tempo depois foi convidado, juntamente com outras pessoas, a formar uma comunidade e a fazer uma caminhada de redescoberta do Baptismo. Romualdo já pertencia à Igreja, mas naquele momento sentiu que aquelas catequeses eram para ele pois respondiam à situação existencial em que se encontrava.

Passado um ano entrou no grupo pré-vocacional, onde ficou dois anos. Ainda no Peru, e com o passar do tempo, foi convidado a integrar o seminário, onde esteve quatro anos e meio e assim terminou o curso de Filosofia.

Sensivelmente a meio do curso, os seminaristas são convidados a fazer dois anos de trabalho pastoral, que pode ser fora do seu país de origem. É a chamada "itinerância". Romualdo fez uma experiência de missão no Chile durante um ano, tendo completado o segundo ano de itinerância no Sul do Peru.

Em Setembro do ano 2000, participou num encontro em Porto San Giorgio, em Itália. Estes encontros que se realizam todos os anos, têm o objectivo de repartir os novos candidatos a seminaristas, pelos vários seminários "Redemptoris Mater" espalhados pelo mundo, bem como da formação de novos seminários, como aconteceu, precisamente nesse ano com o nascimento do seminário de Lisboa, onde esteve presente o então Bispo auxiliar de Lisboa D. Manuel Clemente. Para além dos candidatos a seminaristas, são repartidos também alguns que são seminaristas, de forma a tornarem os seminários mais internacionais. Foi o que aconteceu com o Romualdo, que saiu, juntamente com outros sete, para formar o primeiro núcleo do seminário de Lisboa. "Confesso que fui a Itália com muito medo. Estava a caminho dos 40 anos e via tantos jovens que eu achava mais capazes de cumprir esta missão". No entanto, aceitou mais este desafio proposto por Deus.

No ano 2000, chega então a Portugal: "Não foi nada fácil desde logo, pelas diferenças culturais". Mas reconhece que Deus sempre o ajudou, nos momentos mais difíceis.

Sobre a adaptação a um novo país, nomeadamente no que respeita à alimentação, afirma que "no Chile foi mais difícil" porque a comida de Portugal é mais parecida com a da sua terra. É um grande apreciador de arroz,

baba de camelo, e claro, ninguém se admire de ele gostar de peru. Nestes anos em Portugal, as maiores dificuldades que sentiu foram os estudos. Relativamente a tudo o que deixou para trás, responde: "Deixei tudo nas mãos de Deus! É claro que sinto falta da minha família e dos meus amigos, sou humano, mas a amizade com o Senhor e a comunhão com os colegas preenche agora o centro do meu coração".

Um Testemunho pessoal

O seminário foi para mim um tempo intenso de preparação para o sacerdócio ministerial.

O facto de ter perseverado durante tantos anos no seminário apesar das minhas limitações (em relação aos estudos, a aceitação dos outros como são) é uma forte confirmação de que este chamamento vem de Deus.

Durante o tempo de seminário um aspecto importante foi a comunhão que Deus foi construindo com irmãos de diferentes nacionalidades, com diferenças culturais e histórias de vida diversas. Seria muito complicado se Jesus Cristo não nos concedesse o seu Espírito para vivermos em comunhão.

Muito importante no seminário é a vida de oração, tanto comunitária como individual (liturgia das horas, terço os sacramentos, particularmente a Eucaristia), e também o facto de caminhar numa

comunidade Neo-catecumenal na paróquia de Calhariz de Benfica, acompanhado pelos meus catequistas que me ajudam no crescimento na fé. Tudo isto foi importante para enfrentar os vários momentos difíceis que Deus me permitiu ultrapassar, e de que Ele saiu vencedor, confirmando-me o chamamento.

O MEU *MAGNIFICAT*

Começo por agradecer ao Senhor a vocação que me deu e a escolha que fez na minha vida. Não estava nos meus planos entrar neste projecto de Deus ao serviço da Igreja, assim desta maneira. Tenho experimentado sempre a Sua misericórdia, paciência e gratuidade. Sei que me chamou, não por eu ser muito bom e impecável. Mostrou-me os meus defeitos e limitações e também o seu amor por mim, e experimento que a sua força se manifesta na minha fraqueza. Por isso estou agradecido ao Senhor que deu um novo sentido à minha vida.

Por isto que brevemente expresso com profunda consciência de que sem Ele nada posso, glória seja dada a Deus para sempre! Amen!



VICTOR APOLINAR

A Pessoa

Da Venezuela para a Madeira: o itinerário de uma vocação

Corria o dia 23 de Julho de 1982 quando a cidade de Caracas estremeceu com o nascimento do pequeno Victor. Daí a pouco tempo as ruas seriam invadidas pelo seu gosto pelo futebol, que ele e os amigos

jogavam com entusiasmo. Os amigos e a família eram como que "a sua casa": era neles que descobria a alegria.

Foi neste contexto que conheceu os padres salesianos, que geriam um colégio reputado na cidade. De facto, na Venezuela não há ensino público, pelo que a "luta pelos colégios" é grande. O interesse pelo colégio dos padres salesianos era motivado principalmente por uma tradição familiar (de resto, um dos seus irmãos estudava lá). Porém, primeiro havia que conseguir entrar... Surpreendentemente, foi um dos candidatos escolhidos para ingressar; simplesmente (ironia?), os pais decidiram regressar à saudosa Madeira, pelo que o sonho de estudar numa escola católica não tinha como deixar de o ser...

Uma vez na Madeira, embora entretido com as correrias de amigos (atrás da bola como das aventuras), não esqueceu aquele desejo miúdo. Como mantivesse a confiança "na providência divina" (como sempre refere, com profundidade), acabou por "tropeçar" no seminário menor dos padres dehonianos, a convite de um dos padres que se "meteu com ele" para que entrasse no Pré. Foi e ficou durante 3 anos. Durante esse período pôde, por um lado, concretizar aquele sonho antigo de estudar numa escola católica e, por outro, à medida que ia convivendo naquele ambiente, foi ficando cada vez mais impressionado com o testemunho de vida daqueles padres. No entanto, apesar dessa experiência feliz, sentia-se incompleto: "queria experimentar outra coisa". Ainda se chegou a inscrever numa escola pública (que era "um espaço mais aberto"), mas acabou por entrar no seminário diocesano. Aí descobriu não apenas uma "escola aberta", mas sobretudo uma "comunidade aberta" que o ajudou a crescer.

Mas, como é que se "fermentou" nele a ideia de "ser padre"? Nele sempre esteve presente uma "admiração pela vida dos padres, que ajudavam os outros sem esperar recompensa". Realmente, já na Venezuela ficara surpreso com a generosidade dos padres salesianos para com as crianças carenciadas. Talvez tenha sido esse espanto que nele escavou a interrogação "E se eu fosse como eles?". Mais tarde, já no colégio missionário dos padres dehonianos, foi mastigando a hipótese de uma vida missionária. O "ir lá para fora, para servir os que mais precisavam" ia martelando nele. Simplesmente, essas interrogações levaram-no a descobrir os padres diocesanos. Aí, finalmente, sentiu-se em casa.

De uma maneira geral, a família "sempre me apoiou nas decisões que tenho tomado", diz-nos. Já os amigos "foram mais difíceis. Mas, com o passar do tempo, foram-se dando conta de que as coisas eram vividas" por ele com uma tal intensidade que "denunciava" claramente "a mão de Deus".

A sua Comunidade

A paróquia do Porto da Cruz foi criada a 26 de Setembro de 1577 por carta régia de D. Sebastião, tendo como padroeira Nossa Senhora de Guadalupe. A construção da primeira Igreja iniciou-se no ano de 1580. O seu primeiro pároco foi o padre Nicolau de Olival, natural do sítio da Terra Baptista, neto do genovês Micer Baptista. Segundo os anais da paróquia, ao longo dos 431 anos de existência teve 50 párocos. A actual Igreja foi benzida a 19 de Maio de 1957 e depois de algumas alterações foi

sagrada a 14 de Agosto de 1967. O actual pároco, o padre João de Freitas Mendonça, tomou posse a 13 de Outubro de 1997.

Em termos da vida paroquial salientam-se as Confrarias do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora de Guadalupe; o grupo da Ordem Terceira Franciscana; o grupo de acólitos; a catequese paroquial; o grupo de oração Carismático; os movimentos dos Cursistas e das Equipas de Nossa Senhora e ainda os Ministros extraordinários da Comunhão.

A paróquia do Porto da Cruz é uma paróquia vocacional. Podem-se contar-se trinta e dois padres naturais desta freguesia quer diocesanos quer religiosos. Actualmente são dez padres: cinco diocesanos e cinco religiosos. São também muitos os que passaram pelos seminários religiosos e diocesano, actualmente são três os seminaristas dehonianos. Também muitas são as religiosas (cerca de uma centena) naturais desta paróquia.

Um testemunho pessoal

Vão ficando para trás os muitos dias e anos em que germinou e cresceu a semente que Deus depositou em mim. Este trabalho teve um passado, tem um presente e terá um futuro para que Deus possa revelar-se e actuar por meio de mim.

Revejo a minha caminhada nos seminários por onde passei. São marcos importantes na minha vida. Foi nestas casas onde as alegrias foram muitas, onde os momentos difíceis também existem, mas sobretudo

onde a confiança na Providência Divina está sempre presente, que aprendi a amar a Deus e me preparei para O servir junto dos homens.

O MEU MAGNIFICAT

A mão de Deus tem marcado e conduzido a minha vida. A Ele agradeço todo o apoio que tenho recebido através de pessoas concretas que ao longo dos anos me ajudaram a ser quem sou.

Quero louvar o Senhor e agradecer-Lhe por tudo o que tem feito comigo. Como dizia na Vigília das ordenações tenho consciência que sou fruto do trabalho de muitas pessoas. Por isso não me posso esquecer destes trabalhadores. De alguns, conheço bem o nome, outros nunca se quiseram identificar. Mas agradeço-lhes tudo o que fizeram para me ajudar neste caminho para Deus.

Ajudai-me Senhor, para que possa ser sempre junto dos homens o rosto de Cristo ressuscitado, tendo sempre consciência das minhas fraquezas e das minhas limitações.



YOVANNY FRIAS

A PESSOA

Yovanny nasceu a nove de Junho de 1975 na República Dominicana, numa cidade chamada Azua no sul do país. Até aos dezoito anos viveu nessa cidade, onde fez os estudos primários e secundários no

colégio católico carmelita Teresa de San José. Em 1995 mudou-se com a família para a cidade de Santo Domingo, capital da República Dominicana, onde frequentou um curso de Arte na Universidade durante três anos. Interrompeu esse curso para ingressar no seminário e responder ao chamamento que o Senhor lhe fez para ser padre.

Os seus pais César Tavarez Duval e Lourdes Frias D'Tavarez tiveram cinco filhos (três rapazes e duas raparigas), sendo Yovanny o terceiro.

Ao mesmo tempo que estudava, Yovanny trabalhava: enquanto viveu na sua cidade, trabalhou com os Pais na agricultura e no comércio (seu pai teve várias mercearias), depois da sua chegada a Santo Domingo, trabalhou numa financeira de empréstimos, numa reparadora de calçados, num correio privado (tipo DHL) e, por fim, como empregado de pastelaria. Este último emprego, teve grande importância, segundo ele conta, pois serviu de prelúdio para a sua futura vocação. Ali aprendeu a conhecer as pessoas e a relacionar-se com elas.

O Yovanny entrou para o Seminário "Redemptoris Mater" a 27/08/1998, em Santo Domingo, onde esteve dois anos e onde realizou os seus estudos filosóficos. Em 2000 foi enviado para iniciar o Seminário Redemptoris Mater de Lisboa. Chegou a Portugal a oito de Outubro de 2000, fez o curso de Teologia na Universidade Católica Portuguesa e, pelo meio, fez dois anos de itinerância na ilha da Madeira e nas ilhas dos Açores. Neste momento está a fazer o ano pastoral no Seminário Maior de Cristo-Rei dos Olivais e realiza a sua tarefa pastoral como Diácono na paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus da Brandoa.

Yovanny considera-se uma pessoa extrovertida e bem-humorada, gosta muito de anedotas e de futebol (é ferrenho do Benfica), e o seu prato preferido é arroz de ervilhas ou arroz de milho com bifes de peru. No seminário, por ser um dos que começou esta nova realidade na nossa diocese e um dos primeiros ordinandos, é visto como um testemunho de perseverança e de confiança no Senhor.

As suas Comunidades

A sua paróquia na República Dominicana chama-se San Juan Crisóstomo e o pároco é o padre Gabriel. Foi fundada em 1995 pelo Arcebispo de Santo Domingo, Cardeal Nicolás de Jesus Lopez Rodrigues. Ali fez a sua caminhada de fé, numa comunidade neocatecumenal. Nesta paróquia existem diversos movimentos como: Legião de Maria, Renovamento Carismático, grupo de jovens, grupo de oração e o Caminho Neocatecumenal.

Em Portugal faz o seu percurso neo-catecumenal na quase-paróquia do Imaculado Coração de Maria de Vale Figueira (Diocese de Setúbal). Esta existe como quase-paróquia desde 1996. Actualmente é pároco o padre António Domingues Morais S.J.. Nesta quase-paróquia existem além do Caminho Neo-catecumenal diversas estruturas pastorais: a Legião de Maria, diversos grupos de oração e de jovens, o Renovamento Carismático e os Escuteiros.

Um testemunho pessoal

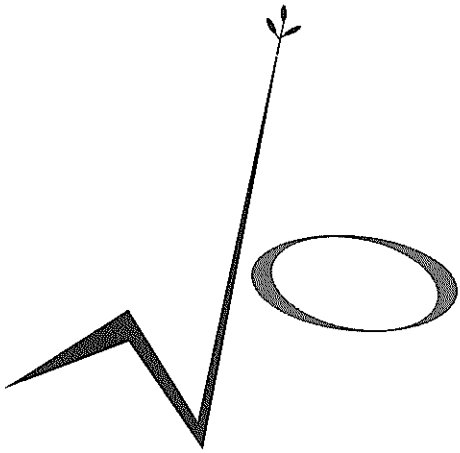
O seminário tem sido para mim um longo percurso de encontro progressivo com Cristo ressuscitado. Um tempo de descida à minha realidade existencial de pobreza interior, e de pecado, sobretudo de encontro de amor com a infinita, fiel e insondável misericórdia de Deus manifestada em Cristo Jesus.

O meu Magnificat

Foi o Senhor quem o fez

E é um milagre patente.

Exultemos e cantemos de alegria!



SEMINÁRIO DIOCESANO REDEMPTORIS MATER NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Padre Fernando André
Reitor

No ano de 2000, a 16 de Setembro, nasceu no Patriarcado de Lisboa um novo Seminário: O Seminário Diocesano Redemptoris Mater – Nossa Senhora de Fátima.

O Sr. Cardeal Patriarca D. José da Cruz Policarpo erigiu-o canonicamente no dia 13 de Maio de 2001, no 84º Aniversário da 1ª Aparição de Nossa Senhora de Fátima.

No Decreto de erecção do Seminário explicava o sentido da existência no Patriarcado de um novo Seminário de cariz missionário:

Um projecto missionário para a Igreja de Lisboa e da ajuda a outras igrejas levou-me a considerar com especial atenção a formação mais específica das vocações para o ministério sacerdotal, nascidas no chamado 'Caminho Neocatecumenal", reconhecido pelo Papa João Paulo II como ' itinerário de formação católica válido para a sociedade e para os tempos de hoje'.

Os Seminários "Redemptoris Mater" são um fruto da renovação do Concílio Vaticano II, o qual sugeria a criação de seminários internacionais para cooperar na evangelização daqueles países ou zonas com escassez de clero. O Decreto *Presbyterorum Ordinis* nº 10 afirma: *"Lembrem-se os presbíteros que devem tomar a peito a solicitude por todas as igrejas... sempre que o método apostólico o exigir, facilite-se não só a conveniente distribuição dos sacerdotes, mas também as obras pastorais peculiares que, segundos os diversos agrupamentos sociais, devem ser levadas a cabo em alguma região ou nação ou em qualquer parte do mundo. Para isso, podem ser erigidos com utilidade alguns seminários internacionais... nas quais, da maneira a estabelecer em cada caso e salvos sempre os direitos do Ordinário do lugar, os presbíteros possam ser integrados ou incardinados para o bem comum de toda a Igreja."*

No ano de 1991 a Comissão Interdicasterial, formada pelo Papa João Paulo II para resolver a grave carência de sacerdotes em muitas partes do mundo, reconheceu que *"esta ideia do Concílio foi levada à prática pelos Seminários 'Redemptoris Mater' que preparam presbíteros para a Nova Evangelização, segundo o programa do Caminho Neocatecumenal... dá-se, deste modo, origem a uma nova forma de ministério: o missionário diocesano"* (L'Osservatore Romano, 15-3-1991).

O primeiro Seminário "Redemptoris Mater" surgiu na Diocese de Roma em 1987 por iniciativa do Papa João Paulo II. Actualmente existem

em todo o mundo setenta seminários, com mais de mil e quinhentos seminaristas, tendo sido ordenados mais de mil presbíteros, dos quais aproximadamente metade estão em países de missão.

Os Seminários "Redemptoris Mater" são seminários diocesanos que dependem do Bispo onde são erigidos canonicamente. Os alunos recebem a mesma formação teológica que os outros seminaristas da Diocese. Os presbíteros serão incardinados na Diocese.

São Seminários diocesanos missionários: sendo diocesanos, a sua finalidade é missionária. Depois de um tempo ao serviço da Diocese os presbíteros estão disponíveis para que o Bispo possa enviá-los a zonas de missão ao serviço da Nova Evangelização.

Uma característica destes Seminários é a internacionalização que torna visível de maneira concreta a nova realidade anunciada pelo Cristianismo, na qual já não há judeu nem grego, nem branco nem negro, mas uma nova criação, uma homem celeste que mostra a natureza de Cristo a todo o mundo.

Os seminaristas provêm de uma comunidade neocatecumenal e durante o tempo de Seminário continuam esta caminhada. A experiência tem demonstrado que unir a formação presbiteral a um itinerário de iniciação à vida cristã, como é o Caminho Neocatecumenal[1], constitui uma grande ajuda para o amadurecimento psicológico, afectivo e humano dos candidatos, e,

---

[1] O Caminho Neocatecumenal é uma "modalidade de realização diocesana da iniciação cristã e da educação permanente da fé" como foi definido nos seus estatutos aprovados pelo Conselho Pontifício para os Leigos a 29 de Junho de 2002 (cf. L'Osservatore Romano, 1-2 de Julho de 2002).

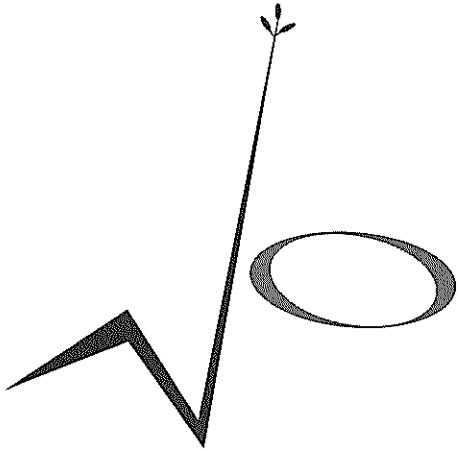
principalmente, num caminho de redescoberta da fé juntamente com outros irmãos casados, solteiros ou viúvos, celebrando a Palavra de Deus em comunidade, aprendem a comunhão, a obediência, a oração, o sentido da cruz, etc.

O nosso Seminário começou com oito seminaristas de cinco países (Portugal, Angola, Brasil, Peru e República Dominicana). Durante o primeiro ano viveram dois a dois acolhidos por famílias do Caminho Neo-catecumenal que abriram as suas casas para este serviço à Igreja. A partir de Junho 2001 começámos a viver em Caneças na Quinta do Pinhal Verde, que era pertença da Diocese de Macau. Deus, que tudo realiza com sabedoria e amor, ofereceu-nos este presente.

Ao longo destes anos o Senhor foi realizando connosco uma obra admirável de crescimento, de integração na Diocese, de comunhão com os Seminários do Patriarcado, nossos irmãos mais velhos.

Hoje o Seminário é constituído por 22 seminaristas de nove países (Portugal, Espanha, Itália, Angola, Brasil, Colômbia, Peru, República Dominicana e Paraguai). Dezassete vivem no Seminário e cinco estão a realizar uma experiência prática de evangelização em Angola, Brasil e Israel. Esta experiência, que dura pelo menos dois anos, faz parte da formação que recebem e prepara-os para a missão.

Este ano temos a graça das duas primeiras ordenações de presbíteros. No dia 29 de Junho, pela imposição das mãos do Senhor Cardeal Patriarca, o Romualdo e o Yovanny serão os primeiros frutos deste Seminário. Rezamos para que sejam presbíteros santos ao serviço da Igreja de Lisboa.



"POR CAMINHOS NÃO ANDADOS"

Registamos a publicação desta colectânea de estudos e testemunhos sobre o Seminário dos Olivais entre 1945 e 1968, coordenada por Artur Lemos. Saudamos este esforço colectivo por resgatar de esquecimento o 2º período da vida deste seminário.

Pela sua importância documental, salientamos o texto do antigo reitor Abílio Cardoso que ajuda a compreender a evolução do clima pedagógico e da formaçãc dos padres no Seminário dos Olivais entre o fim da guerra e 1968, três anos após a conclusão do Concílio Vaticano II. No que diz respeito à *Novellae Olivarum*, é notável o trabalho assinado pelo coordenador, que em 55 páginas, descreve e analisa o seu percurso desde o primeiro número em 1936 até 1968, e que facilita o trabalho a quem quiser conhecer, não só o Seminário

de que foi, e é ainda, expressão e espelho, mas a própria Igreja de Lisboa em meados do séc. XX.

Como aperitivo e para estimular aqueles que ainda não o leram, nada melhor que a introdução intitulada "memória e homenagem", assinada por Artur Lemos, que transcrevemos de seguida.

MEMÓRIA E HOMENAGEM

Este é um livro de memórias e de Memória.

Memórias do tempo da nossa formação para o presbiterado e do percurso institucional do Seminário dos Olivais que a tornou possível.

Não fogem à parcialidade, à falta de nitidez e à descontextualização próprias das memórias. Não obstante reconhecemo-las como pedaços das nossas vidas e como inscrições de pedras com que o Seminário se foi edificando.

Publicamo-las em livro para alimentar a Memória. Esta Memória, com maiúscula, tece a nossa identidade e permite desenhar os futuros da nossa realização como seres humanos. E das instituições pode dizer-se, com propriedade, que a Memória contribui largamente para a sua perenidade. De resto o cristianismo reconhece à Memória papel essencial. "Fazei isto em memória de mim"(Lc 22,19).

O Seminário Maior de Cristo-Rei dos Olivais adquiriu, desde o ano da fundação, em 1931, uma dimensão e projecção invulgares. Seminário novo no edifício e com uma matriz conceptual renovada, espaço de formação pastoral para mais quatro dioceses além da de Lisboa, sediado na capital do país, concebido e acarinhado pelo Cardeal Cerejeira, dirigido por Monsenhor Pereira dos Reis com uma equipa de padres estrangeiros, cedo

desenvolveu identidade própria e transformou-se em ponto de referência nacional de formação presbiteral.

Se não tivesse tido trajectória tão singular e adquirido tamanha visibilidade estas memórias, provavelmente, não teriam saído do círculo restrito daqueles que o frequentaram.

Não vamos trazer à colação os feitos desses primeiros tempos: formação das primeiras vocações de adultos do país, promoção do canto gregoriano e da polifonia sacra, dinamização do movimento litúrgico e criação de um estilo de padre mais culto e mais evangélico. Número apreciável de intervenientes já faleceu e a nós, os das gerações subsequentes, foi negado o conhecimento do que acontecera antes, por efeito de uma estranha doença social que exumava o passado longínquo e enterrava, na sepultura do esquecimento, o passado recente.

A partir de 1945, com o fim da guerra e o início da reconstrução da Europa, o Cardeal Cerejeira decidiu preparar o Seminário para enfrentar os que ele considerava serem os novos desafios, alterando o quadro organizativo e de pessoal: nomeou um Vice-reitor de sua total confiança, o padre e, depois, Cónego, José Amaro Teixeira (1945); substituiu a equipa de professores por elementos portugueses formados no próprio Seminário (1945); dispensou os serviços do Reitor, Monsenhor Pereira dos Reis (1951) e enviou, pela primeira vez, padres da diocese realizarem estudos de pós-graduação nas universidades pontifícias de Roma para voltarem, depois, a exercer a docência no Seminário (1952-1956). O Seminário continuou a sua marcha, agora mais vigiado pelo cardeal Cerejeira e com recursos humanos renovados.

Encaramos o que aconteceu ao longo da década de cinquenta e de sessenta como o esforço de renovação exigido pelas novas realidades culturais, sociais e económicas do pós-guerra e como o contrapeso de ruptura ao período de estabilidade dos primeiros anos. Este

processo dialéctico (continuidade/mudança), absolutamente indispensável ao enriquecimento das instituições e à sua perenidade, foi fortemente condicionado pelo conservadorismo cultural, social e político vigente, pelo concomitante conservadorismo religioso e pelo autoritarismo da hierarquia eclesiástica.

Apesar de tudo, cremos justificar-se o título "Por caminhos não andados" que demos a esta obra. Abriram-se muitas frentes novas (cinema, sociologia religiosa, arte sacra, novas formas de evangelização) e renovaram-se aspectos essenciais da herança do passado.

O sentido último das mudanças apontava para o reconhecimento da dignidade da pessoa humana e para os valores humanos e evangélicos da liberdade e da autenticidade, do amor e da fraternidade, do culto e da cultura e da igualdade e da diversidade.

O impulso renovador em que o Seminário se envolveu foi ampliado, fundamentado e canonizado, nos aspectos substantivos, pelo Concílio Vaticano II e a primavera marcelista permitiu a manifestação pública dessa vontade de libertação espiritual e temporal. Veio a crise e, com ela, a clausura deste ciclo da história do Seminário: a equipa dirigente demitiu-se, o número de alunos diminuiu de 170 para cerca de uma dezena e o ensino deslocou-se para outras instituições, nomeadamente para o ISET *e para a Universidade Católica. Não era possível adiar mais a reforma do Seminário dos Olivais nem proceder a reformas parcelares, paliativas ou experimentais.*

O livro está organizado em três secções: Narrativas, Depoimentos e fragmentos.

As Narrativas apresentam textos que articulam, em relatos cronológicos temáticos (estórias), informações e memórias sobre acontecimentos, instituições e vivências. Nelas são mais perceptíveis tentativas de interpretação que, independentemente do seu maior ou menor valor crítico, ficam como documento das estratégias dos actores que,

neste livro, se transformam em cronistas das suas intervenções.

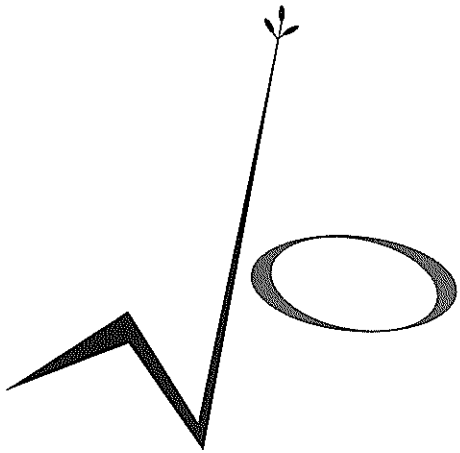
Nos Depoimentos os autores falam na primeira pessoa e apresentam as suas memórias em estado puro.

Dedicamos a Secção Fragmentos a professores já falecidos e que marcaram significativamente o desenvolvimento dos alunos e o rumo que o Seminário dos Olivais tomou neste período.

Gostaríamos de ter contado com maior número de contributos de ex-seminaristas e padres no activo. Tal falta empobrece objectivamente o livro. Congratulamo-nos, naturalmente, com os colegas que quiseram partilhar, tantos anos passados, as suas memórias, reeditando o prazer dos nossos primeiros encontros à sombra do Seminário dos Olivais.

Queremos recordar e, no mesmo movimento, homenagear todos aqueles que, mesmo sem lhes referirmos os nomes, se empenharam nesta aventura pedagógica, cultural e cívica. E, como se tratou também de uma aventura religiosa e cristã, atingiu-nos na fonte secreta de nós mesmos. Bem hajam todos quantos quiseram partilhar esse nosso projecto comum de nos tornarmos divinamente humanos. "Gloria Dei homo vivens" (S. Ireneu).

Artur Lemos



CRÓNICA

Diogo Correia

Setembro

Na tarde de quinta-feira, seis de Setembro, começámos a chegar para mais um ano de caminhada comum ao encontro d'Aquele que nos convocou e reuniu no Seminário Maior de Cristo Rei.

Tempo de Graça para aprender a amar mais a Deus e a servi-l'O na Sua Igreja, à imagem de Cristo Bom Pastor; tempo de Esperança e Alegria, nesta comunidade que anualmente se renova, com o envio dos novos sacerdotes consagrados ao serviço do Povo de Deus, mas também com a chegada dos que entram agora para o terceiro ano de Teologia. O novo "Curso de São Vicente" é constituído por treze seminaristas, quase metade da comunidade do Seminário: oito que transitam do Seminário de Sãc José de Caparide – o Rui Cantarilho, o Fernando Escola, o Ivo Santos, o Hugo Gonçalves, o Tiago André, e o Marcos

Castro, todos do Patriarcado de Lisboa, e o António Furtado e o Samuel Costa, da Diocese de Cabo Verde - a que se juntam o Ronald Vieira, o Óscar Andrade e o Luís Miguel Baptista, da Diocese do Funchal, o Fernando Santos, da Comunidade Emanuel, e o Diogo Correia, deste Patriarcado, que escreve esta Crónica, aluno do primeiro ano de Teologia, mas integrado no terceiro ano do Seminário dos Olivais.

Foi com redobrada alegria que o Seminário deu as boas-vindas ao seu novo Vice-Reitor, padre José Miguel Barata Pereira, até aí Vice-Reitor do Seminário Menor de Nossa Senhora da Graça de Penafirme.

Assim congregados pelo Senhor, reunimo-nos no primeiro momento de oração comunitária para O louvar e Lhe dar graças, com o canto de Vésperas. Depois houve que acabar de arrumar os quartos e fazer as malas de novo, já que partíamos para Roma no dia seguinte. Durante uma semana estivemos no coração da Igreja Católica, junto dos túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo, peregrinação celebrativa dos 75 anos do Seminário dos Olivais, de que já demos notícia.

Chegámos de Roma no dia treze de Setembro, quinta-feira. No dia seguinte, pela manhã, tivemos a saudação de abertura do ano pelo Senhor Reitor, que deu as boas vindas a todos, em particular aos novos membros da comunidade. Pediu que sentíssemos sempre o Seminário como nossa casa, desafiando o numeroso Curso de São Vicente a contribuir com o seu entusiasmo para marcar o ritmo da comunidade. Depois, foi apresentada a distribuição dos novos lugares de pastoral, os novos horários da oração e actividades comunitárias, e a composição das equipas de trabalho comunitário no Seminário. O Senhor Reitor concluiu esta apresentação com uma conferência

sobre a Palavra de Deus, tema de reflexão do próximo Sínodo dos Bispos em Roma, que aprofundaremos ao longo do ano. Pela tarde, foi a vez de os vários cursos se reunirem com os respectivos padres Prefeitos, ocasião para agendar reuniões, bem como algumas actividades de cada curso de Seminário.

Ainda na sexta-feira, iniciámos a nossa primeira Recolecção do ano com o Ofício de Leituras. Foi um importante momento de paragem para, em silêncio e oração, saborearmos tudo aquilo que vivemos e recebemos em Roma. Na pregação de Sábado, o Cónego João Marcos propôs-nos que olhássemos para Pedro, sublinhando as palavras que nos foram dirigidas nestes dias.

Segunda-feira, dia dezasseis, tiveram início as aulas na Universidade Católica, outro pilar fundamental da nossa formação, este ano com novos horários e nova calendarização do ano académico, o que obrigou a alterar consequentemente alguns horários da nossa vida comunitária.

Nesse mesmo dia tivemos aula de Canto Coral com o Prof. João Crisóstomo, ocasião em que o Senhor Reitor agradeceu toda a generosidade e empenho pessoal postos pelo Prof. Joãc Crisóstomo, tanto nos ensaios do coro do Seminário, como na gravação do CD com cânticos a Nossa Senhora da autoria do padre Manuel Luís.

No Domingo vinte e três de Setembro, a comunidade do Seminário acompanhou o padre Ricardo Ferreira, seu Prefeito durante cinco anos, na tomada de posse como pároco da Paróquia de Santo Eugénio do Bairro da Encarnação.

Na quarta-feira seguinte, dia vinte e seis, realizou-se a Assembleia-Geral da Associação Monsenhor Pereira dos Reis, com apresentação do relatório e

contas do ano transacto e eleição dos novos órgãos directivos, apresentando-se ainda as linhas mestras das actividades para o próximo ano.

Outubro

Durante o mês de Outubro, o Cónego João Marcos apresentou uma exposição fotográfica sobre a Arte Românica no Caminho de Santiago, aquela que é a primeira arte de expressão verdadeiramente Europeia. Nas suas fotografias, captadas durante o Verão, pudemos admirar a beleza das formas que a Fé Cristã soube imprimir à rudeza da pedra.

O "Ciclo do Reitor" teve início na quarta-feira comunitária de três de Outubro, sob o tema "O Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus", com o trabalho de grupos a partir dos "Lineamenta", que se prolongou por mais duas sessões.

Quarta feira, dia dez, visitámos a nossa "Igreja Mãe", a Sé Patriarcal de Lisboa, guiados pelo Deão do Cabido, que nos falou da história desta igreja, história de que somos os herdeiros e que entronca, assim, na história de cada um de nós.

Foi um percurso extraordinário, que partindo dos tempos mais recuados da época pré-islâmica, passou pela consagração da Catedral após a conquista de Lisboa aos Mouros, em 1147, até à magnificência e esplendor do período de D. João V e das reconstruções pós-terramoto. Este percurso foi todo ele ilustrado com magníficas peças, tesouro inestimável de arte e beleza, que testemunha a forma como os nossos antecessores quiseram dar glória a Deus. Aí, na sede da nossa Diocese, celebrámos a Hora de Vésperas e a Santa Missa.

Uma parte da Comunidade rumou a Fátima no dia doze de Outubro, afim

de participar na dedicação da nova Igreja da Santíssima Trindade, bem como nas celebrações da Peregrinação Internacional Aniversária.

Na quarta-feira, dia dezassete, Monsenhor Alberto Augusto Teixeira Dias, que celebrou o seu jubileu de ouro sacerdotal, falou-nos da sua longa experiência pastoral, ressaltando das suas palavras a beleza de uma vida totalmente entregue ao Senhor.

Os Seminários do Patriarcado reuniram-se no dia vinte e três no Seminário Diocesano Redemptoris Mater Nossa Senhora de Fátima para as Instituições no Ministério de Acólito do Yovanny Frias, do Romualdo Carbajal e do Abílio Lucas, conferidas pelo Senhor Patriarca. Foi, como sempre, um motivo de grande alegria para a Diocese, mas de forma particular para as Comunidades Neocatecumenais.

Dia vinte e quatro de Outubro encerrámos as Celebrações do Jubileu do Seminário, com a Santa Missa presidida pelo Senhor Patriarca, seguida de descerramento de uma placa comemorativa com a transcrição das palavras que o Santo Padre nos dirigiu em Roma. Durante a Eucaristia o Senhor Patriarca admitiu às Ordens Sacras o Yovanny, o Romualdo e o Abílio. Este dia de festa foi celebrado com os padres ordenados desde o ano 2000, que nos falaram da sua experiência pastoral, encerrando-se assim o ciclo de apresentação dos padres formados no Seminário dos Olivais ao longo das últimas décadas.

No dia seguinte, a vinte e cinco de Outubro, celebrou-se o Solene Pontifical da Dedicação da Sé de Lisboa, onde manifestámos a comunhão em torno do nosso Bispo, reforçando assim a nossa pertença à Igreja de Cristo.

Por fim, a trinta e um de Outubro, quarta-feira, os candidatos ao Diaconado fizeram perante a Igreja a sua Profissão de Fé e Juramento de Fidelidade. A noite comunitária continuou o "Ciclo do Reitor", com debate por grupos de trabalho.

Novembro

No dia dez de Novembro, véspera de São Martinho, realizou-se o "Magusto dos Seminários" no Seminário de Penafirme. Foi mais um momento de convívio entre os Seminários do Patriarcado, com o habitual torneio de futebol – a taça ficou por mais um ano nos Olivais! – e as tradicionais castanhas assadas, que não podiam faltar.

Durante a "Semana dos Seminários" tivemos a felicidade de acolher o Senhor Bispo do Funchal, D. António Carrilho que, no dia catorze, admitiu às Ordens Sacras os três seminaristas do Funchal que frequentam o Ano Pastoral do Seminário: o Élio, o Estêvão e o Victor.

O dia dos Seminários Diocesanos, dezoito de Novembro, foi celebrado de forma particular no Seminário. Durante a tarde, abriram-se as portas para um encontro diocesano com a participação das comunidades onde os seminaristas trabalham, bem como das suas comunidades de origem. A capela foi pequena para acolher as largas dezenas de pessoas que quiseram rezar pelos Seminários e pelas vocações sacerdotais. Na oração de Vésperas o Senhor Patriarca salientou que "o amor que as comunidades têm aos seus padres começa no amor que a Igreja tem ao Seminário e àqueles que estão neles", necessitando os Seminários do "apoio, carinho e oração de todos".

Na recolecção de Novembro, pregada pelo Cónego João Marcos, fomos convidados a mergulhar na realidade da vocação a que o Senhor nos chama: participar no ministério dos Apóstolos, pela oração e pela Palavra, o "miolo" da vida apostólica.

Quarta-feira, vinte e um de Novembro, fizemos uma visita comunitária à exposição comemorativa dos noventa anos das Aparições de Nossa Senhora de Fátima, intitulada "Memórias Sinais Afectos", patente no Mosteiro de São Vicente de Fora. Foi para nós um privilégio visitar esta exposição guiados pelo seu coordenador, o Senhor D. Carlos Azevedo. Nas suas palavras sempre sábias, fez notar que é uma exposição que vale não tanto pelas obras de arte expostas, mas pelo retrato de um povo que nelas se espelha. Com alegria podemos admirar ali a imagem de Nossa Senhora de Fátima que se venera na Capela do Seminário, também em exposição. Tivemos ainda oportunidade para ver a exposição de carácter permanente "A Igreja Lisbonense e os Patriarcas", com a exibição de verdadeiros tesouros que nos falam da história do Patriarcado. Por fim visitámos alguns espaços do Mosteiro de São Vicente, extraordinário monumento da Arte Portuguesa.

No dia vinte e cinco, Solenidade de Cristo Rei, Orago do Seminário, teve lugar a "Festa dos Pais". Após a sessão de boas vindas, no auditório, com a apresentação de um documentário sobre a peregrinação a Roma, celebrámos a Santa Missa presidida pelo Senhor Reitor. Finalmente, após o almoço, foi apresentada a sessão cultural preparada pelos seminaristas, com a apresentação da comunidade deste ano, a execução de peças corais, dirigidas pelo Prof. João Crisóstomo, bem como os inevitáveis números humorísticos que cativaram todos os presentes, em particular a fita "Afonso, o novato".

A quarta-feira comunitária de dia vinte e oito, foi dedicada ao ciclo "Conhecer Algumas Realidades Eclesiais", com a apresentação do Caminho Neocatecumenal.

Durante os últimos dias de Novembro, unimo-nos em oração ao sexto ano do Seminário, em retiro para a Ordenação Diaconal, que concluímos na sexta-feira com uma Vigília de Oração. na Sé Patriarcal.

Dezembro

Como verdadeiro dom de Deus à Igreja de Lisboa, celebrámos em festa o primeiro Domingo do Advento, dois de Dezembro, com as Ordenações Diaconais na Igreja do Mosteiro dos Jerónimos, presididas pelo Senhor Patriarca. Foram ordenados catorze novos diáconos, oito dos quais dos Seminários Diocesanos de Lisboa. Na sua homilia D. José Policarpo salientou que "o ministério dos diáconos afirma-se, precisamente como um serviço".

Na primeira quarta-feira comunitária do mês, deslocámo-nos à Universidade Católica para a apresentação da obra "Criação e Evolução", do Círculo de Discípulos do Papa Bento XVI, a que se seguiu um debate sobre a "Teoria da Evolução".

A oito de Dezembro, Solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, o Seminário de Penafirme celebrou a Festa da Senhora da Graça, a que se associaram as comunidades dos restantes Seminários do Patriarcado de Lisboa, bem como os familiares e amigos dos seminaristas. Neste lugar, onde a semente começa a germinar, é sempre um sinal de esperança ver que o Senhor continua a chamar e a enviar operários para a Sua messe, respondendo os jovens seminaristas com a alegria que bem exprimiram através da música e do teatro.

No mesmo dia, em Santarém, o Rui Fernandes foi instituído no Ministério de Leitor pelo seu Bispo D. Manuel Pelino.

Quarta-feira, dia doze, tivemos na comunidade um participado debate sobre questões europeias, conduzido pelo Dr. José Luís Ramos Pinheiro.

Manifestando a nossa vivência do Natal, foi apresentada uma exposição sob o tema – "Fez-se Carne, Imagens do Natal no Seminário dos Olivais" – que percorreu o Mistério da Encarnação de Jesus através da poesia e da arte, com a mostra de peças pertencentes ao acervo do Seminário e aos vários membros da comunidade.

Já no fim do Advento, preparámos a habitual Festa de Natal do Seminário. Com ela quisemos honrar e homenagear todos os que colaboram na vida desta Casa, elementos fundamentais na estruturação da nossa comunidade: funcionários, professores, colaboradores e benfeitores. Interpretámos algumas peças corais e uma peça de teatro – "Emanuel" – da autoria de D. Manuel Clemente, com música original composta especialmente para a ocasião pelo Rui Fernandes.

Com a conclusão do primeiro semestre de aulas, partimos para celebrar o Nascimento de Jesus nas Igrejas Locais com os nossos Bispos.

Em Lisboa vivemos o Natal em comunidade: após a Missa da Meia Noite, na Sé, presidida pelo Senhor Patriarca, aguardava-nos a ceia no Seminário, que partilhámos ao redor da lareira, em convívio verdadeiramente fraterno. Já no dia de Natal, após a Missa do Dia, também na Sé, fomos então para junto das nossas famílias e comunidades de origem para uns dias de férias.

O ano de 2007 terminou em festa na Ilha da Madeira: dia trinta de Dezembro, Domingo da Sagrada Família, Dom António Carrilho ordenou na Sé do Funchal os Diáconos Élio Freitas, Estêvão Fernandes, e Víctor Apolinar. Estiveram presentes o Senhor Reitor do Seminário dos Olivais, bem como alguns seminaristas de Lisboa.

Janeiro

Regressados ao Seminário no dia sete de Janeiro, entrámos desde logo na época de exames, período que é sempre de alguma tensão, que as apreciadas ceias-convívio das quartas-feiras vão amenizando. Foi de destacar o esmero que cada curso colocou na sua confecção, com verdadeiro sentido de serviço aos irmãos.

Na Recolecção de dia doze, pregada pelo padre Luís Alberto, fomos convidados a passar em revista o nosso percurso de Fé e a fazer o ponto da situação da nossa história com o Senhor, partindo da experiência dos Magos do Oriente. Mas também a reflectir sobre os desafios do presente, escutando Maria: "fazei tudo o que Ele vos disser", sobretudo aquilo que é mais difícil de aceitar nesse "tudo".

Dia quinze fomos à Universidade Católica para a apresentação do livro "Jesus de Nazaré" do Papa Bento XVI, que contou com a presença do Senhor Patriarca.

No dia vinte e dois, dia de São Vicente, celebrámos o Padroeiro Principal do Patriarcado e também do curso do terceiro ano do Seminário, que cantou a hora de Vésperas na capela do seu patrono na Sé. À noite, este curso apresentou à comunidade, em primeira audição, o seu hino composto pelo Rui Fernandes.

De vinte e dois a vinte e cinco de Janeiro, o Seminário acolheu as Jornadas de Formação Permanente do Clero do Patriarcado de Lisboa, este ano com o tema "Os Sacramentos da Iniciação Cristã", que contaram com cerca de duzentos participantes.

Quarta-feira, dia trinta, no Auditório, o Cónego João Marcos apresentou-nos um tríptico da sua autoria sobre o tema do "Serviço", todo ele centrado na "diaconia" de Jesus e de Maria, fazendo-nos a sua leitura teológica e iconográfica.

Já no último dia de Janeiro, acolhemos com muita alegria a notícia da nomeação pelo Santo Padre do Senhor D. Joaquim Mendes como Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa, até aí Director da Escola Salesiana de Manique.

Dia dois de Fevereiro, Festa da Apresentação do Senhor, após a Procissão e a Missa, teve lugar a Revisão do Semestre, em que o porta-voz de cada curso fez a avaliação do primeiro período deste ano de Seminário. Ressaltou globalmente uma avaliação muito positiva, sem deixar de se acentuar a exigência e a responsabilidade comum na procura incessante da santidade de vida, como comunidade que se edifica na comunhão.

E entrámos assim na Quaresma, o "Tempo Favorável", caminho de conversão que o Senhor Deus de Misericórdia nos concede e que fomos percorrendo com os olhos postos no horizonte redentor do Mistério Pascal.



SOBRE SÃO PEDRO

CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS

Os alunos do Seminário dos Olivais prepararam um conjunto de catequeses sobre S. Pedro para auxiliar no seu trabalho pastoral.
Pode recolher este suplemento que a *Novellae Olivarum* publica em formato digital no nosso sítio internet em: www.seminariodosolivais.org

SUPLEMENTO DIGITAL





